

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

ANTONIO MARCOS DA SILVA BRITO

“YOU GUYS WANNA SEE A DEAD BODY?”:

**Quando o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano em “The Body”, de
Stephen King**

PARNAÍBA

2024.2

ANTONIO MARCOS DA SILVA BRITO

“YOU GUYS WANNA SEE A DEAD BODY?”

**Quando o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano em “The Body”, de
Stephen King**

Monografia entregue como trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês, sob orientação do professor Dr. Ruan Nunes Silva.

PARNAÍBA

2024.2

B862y Brito, Antonio Marcos da Silva.

"You guys wanna see a dead body?": quando o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano em "The Body", de Stephen King / Antonio Marcos da Silva Brito. - 2024.

47 f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras-Inglês, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2024.

"Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes Silva".

1. Literatura. 2. Estudos góticos. 3. The Body. 4. Horror. 5. Stephen King. I. Silva, Ruan Nunes . II. Título.

CDD 420

ANTONIO MARCOS DA SILVA BRITO

“YOU GUYS WANNA SEE A DEAD BODY?”

**Quando o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano em “The Body”, de
Stephen King**

Monografia entregue como trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês, sob orientação do professor Dr. Ruan Nunes Silva.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor orientador: Doutor Ruan Nunes Silva

Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Alexandre Alves de Oliveira

Professora convidada: Doutora Renata Cristina da Cunha

Universidade Estadual do Piauí (UESPI) - Campus Alexandre Alves de Oliveira

Professora convidada: Ana Carolina Ferreira Soares

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Dedico esta pesquisa aos meus pais: Raimundo Fiel de Brito e Francisca Inês da Silva Brito, em especial a minha mãe, Francisca (In memoriam) por me mostrar que a educação é o caminho para mudar nossa realidade. Dedico também ao meu irmão Francisco José da Silva Brito (In memoriam), por sempre acreditar em mim e me dizer que era possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, como é de costume em minha vida. Sou grato a Ele por mais uma vez me provar que eu consigo e que mesmo nos momentos de desespero, Deus sempre me mostra uma solução. Meu coração transborda de gratidão a ti, Senhor. Obrigado por me permitir estar aqui.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde a pré-escola até aqui, a conclusão da licenciatura. Me inspiro em muitos de vocês na minha prática docente e saibam que muitos de vocês contribuíram no meu amor pela docência.

Agradeço também a meus alunos, por me mostrarem que posso aprender junto com eles, por todo carinho e consideração que tem por mim e por muitas vezes, transformarem meus dias.

Agradeço a meus amigos de fora da UESPI, que sempre me apoiam, torcem por mim e que entendem todas as vezes que tive que desmarcar os planos, ou que fiquei pouco tempo com eles. Me perdoem, pessoal. Agora vai dar certo. Obrigado pela paciência, rs,

Agradeço a banca avaliadora desta monografia, pela disponibilidade de ler e avaliar este estudo.

Agradeço a todos os professores que me ensinaram durante esses 8 períodos de curso, em especial aqueles que buscavam tornar as aulas mais leves, descontraídas, e que nos entendiam, eram compreensivos, afinal não somos máquinas. De maneira especial, meu muito obrigado às professoras Francimaria, Giselle, Ana Carolina, Elaine e Elisângela, vocês muitas vezes foram leveza em meio ao turbilhão que foram alguns períodos do curso.

Agradeço ao nosso querido coordenador, professor, orientador Ruan Nunes Silva, por todo conhecimento compartilhado desde o início do curso. Foi uma longa jornada desde nosso primeiro PIBIC, seguimos pelo segundo PIBIC, muitos eventos, sem falar nas disciplinas da sala de aula e pude aprender muito com você, era sempre impressionante imaginar

como pode alguém saber tanto sobre tanta coisa. As vezes acho que o Ruan é um computador humano, igual a Rudroid. Desde o início, sabia que queria ser orientado por você na monografia, e deu certo. Desculpa por lhe dar trabalho às vezes, rs. Obrigado pela paciência que sempre teve comigo e por todo seu trabalho no curso, tenho certeza que muito nesse curso só funciona devido aos seus esforços.

Agradeço a professora Renata Cristina da Cunha, por contribuir de forma tão essencial na minha formação no curso de Letras Inglês, pelas grandes discussões nas aulas de Cultura dos Povos e Crítica Literária, foram as que mais me marcaram. Tenha certeza que suas aulas farão a diferença na minha formação. Agradeço pelo carinho, gentileza e empatia que sempre demonstrou comigo..

Agradeço também aos meus únicos amigos nesse curso: Quézia Luana, que se aproximou mais no finalzinho, Werisson, cuja amizade vem desde o bloco II e Francisca Tawane, minha amiga e fiel escudeira desde o primeiro dia de aula, ainda nas aulas online devido a pandemia. Nosso santo bateu, como diz o ditado, desde o primeiro segundo. Obrigado por tornarem as idas à UESPI menos cansativas, muito mais alegres e engraçadas e um pouco absurdas também às vezes. Sentirei saudades de vocês.

Agradeço ao meu amor, Marcos Renan, por ser meu apoio quando preciso, por ter mais fé em mim do que eu mesmo tenho, por tornar a minha vida a mais linda e feliz desde que nos conhecemos. Obrigado por sempre me dizer “Vai dar tudo certo. Você vai conseguir, amor”. Eu digo sempre isso, mas agora será eternizado nesta monografia: *Eu te amo. Muito muito muito muito muito.*

Agradeço aos meus irmãos, Hélia, Roseli e Paulo, por cuidarem de mim e por serem a minha fortaleza diante de tantas perdas que já passamos. Vocês são parte de mim, dos meus sonhos, da minha vida, do meu coração. Amo vocês infinitamente.

Agradeço ao meu irmãozinho Gugu (*In memoriam*) que sempre falou com tanto orgulho sobre mim. A pessoa com quem dividi os meus 26 anos

de vida, que nunca nos separamos. Você foi além de meu irmão, meu melhor amigo. Foi o melhor presente do mundo poder dividir a vida contigo, as brincadeiras na infância que mesmo sem termos muito, éramos muito felizes. Deveria existir uma máquina do tempo, eu iria direto pra algum ano entre 2000 a 2015, pois eu ainda teria a mãe e você também comigo. Meu quase gêmeo, você se foi muito cedo. Queria poder refazer a foto do meu ABC contigo na minha formatura, mas infelizmente a vida é tão incerta e tinha outros planos pra ti. Este trabalho é para ti, jamais imaginei a infeliz coincidência da minha discussão nesta monografia com a vida real, sinto tua falta todos os dias, a cada segundo do meu dia. Eu te amo, meu irmãozinho. Pra sempre.

Essa é uma das poucas vezes que irei fazer isso, mas acho que dessa vez é aceitável. Agradeço a mim mesmo. Sem muitas palavras, mas me agradeço por ter passado por esse processo, mesmo com perdas, com meu corpo dando sinais de que não estava tudo bem, com lágrimas, cansaço, rotina quase impossível de dar conta, mas eu consegui. Sou grato por isso.

Agradeço ao meu pai, Raimundo, chamado carinhosamente de Deide, por me incentivar do jeitinho dele, a estudar (mesmo na reta final do curso, todos os dias ele me pergunta se não vou pra Parnaíba estudar). Obrigado pai, por mesmo sem o senhor ter estudo algum, tornar possível que eu tivesse. Eu te amo muito.

Por último, e o agradecimento mais importante deste trabalho: quero agradecer a mulher mais inteligente, doce, meiga, carinhosa, incrível e especial que já conheci, minha mãe Dona Francisca (*In memorian*). Obrigado por ter sido A MELHOR MÃE DO MUNDO!!! Mãe, obrigado por mesmo sem condições financeiras nunca ter me deixado faltar a escola, mesmo sem a senhora ter tido a oportunidade de estudar, a senhora sempre fez o possível e o impossível para que eu e meus irmãos tivéssemos uma formação digna. Lembro que tinha anos que a senhora não tinha dinheiro pro básico dos materiais escolares, mas sempre dava um jeito. Ficar sem estudar? jamais. Lembra que a senhora dizia quando eu era criança que eu seria professor? E eu teimoso só dizia que não sabia. Eu não

sabia, mas a senhora já sabia. As mães sempre sabem né? Eu me tornei professor, mãe. Eu consegui. Queria que a senhora tivesse aqui pra ver. Lembra que a senhora falava com admiração sobre a filha da sua amiga que tinha duas faculdades e que era seu sonho que eu me formasse? Pois é, mãe. Hoje seu filho já formado em uma, está prestes a se formar na segunda. Eu consegui, mãe. Realizei o nosso sonho. Sei que a senhora estaria orgulhosa e feliz por mim.

BRITO, Antonio Marcos da Silva. “*You guys wanna see a dead body?*”: Quando o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano em “The Body”, de Stephen King. 2024. 50 f. Monografia (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

RESUMO

A literatura abre um universo infinito de portas para o leitor, permitindo que acesse cidades, países e cenários onde tudo é possível. A crítica literária é a forma como utilizamos o conhecimento obtido a partir destas possibilidades para analisar de maneira crítica as obras e entender além do que está escrito, observando a obra a partir de lentes como os estudos feministas, pós-coloniais, queer, dentre outros. A ficção gótica se tornou popular por volta de 1760 e foi responsável por inspirar clássicos da literatura Inglesa como *Drácula* de Bram Stoker e *Frankenstein* de Mary Shelley. O gótico causa no leitor sentimentos de medo, ansiedade, desconforto e horror, abordando em suas histórias situações onde os personagens lidam com o sobrenatural real ou imaginário, geralmente em cenários específicos como castelos ou mosteiros, sendo o gênero no qual originou as literaturas de terror e horror. Na literatura contemporânea, um dos principais representantes do gênero de horror é Stephen King, autor americano que tem como tema comum em suas obras o sobrenatural, coisas que a razão não explica. Porém em “The Body”, novela publicada na coletânea *Different Seasons*, King se distancia dos elementos sobrenaturais para dar lugar a vida comum, a vida de quatro crianças que em uma de suas aventuras cotidianas decidem tentar encontrar o corpo de uma criança que desapareceu e morreu. Nesta pesquisa, busca-se responder a seguinte pergunta: De que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body”, de Stephen King? A fim de responder esta pergunta de pesquisa, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: Investigar de que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body” de Stephen King e como objetivos específicos: (I) discutir os pressupostos teóricos dos estudos góticos com ênfase no conceito de horror e (II) relacionar o horror cotidiano com as experiências vividas pelos personagens Gordon Lachance, Chris Chambers, Teddy Duchamp e Vern Tessio na novela. A fim de atingir os objetivos propostos, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de cunho exploratório, utilizando autorias como França (2016) e Botting (1996) para tratar dos estudos góticos e Cuddon (2013) e Carroll (1999) para tratar do gênero horror e suas discussões. Os principais resultados obtidos pela pesquisa, mostram que o horror tradicional transfigura-se em “The Body” através das experiências vividas pelo grupo de crianças protagonistas: o medo de fantasma dá lugar ao medo da violência familiar, o medo do escuro se transforma no medo da morte e assim por diante. Stephen King cria uma atmosfera de horror, pautada no horror do cotidiano, que pode assustar mais que qualquer elemento sobrenatural.

Palavras-chave: Literatura; Estudos Góticos; Horror; Stephen King; The Body.

BRITO, Antonio Marcos da Silva. “You guys wanna see a dead body?” When traditional horror transfigures into everyday horror in Stephen King’s *The Body*. 2024. 50 p. Monograph. (B.A in English Language Teaching) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

Literature opens an infinite realm of possibilities, allowing readers to explore cities, countries, and scenarios where anything is possible. Literary criticism is the means by which we use knowledge gained from these possibilities to critically analyze works, seeking to understand beyond the written text through lenses such as feminist, postcolonial, queer studies, among others. Gothic fiction, which gained popularity around 1760, inspired English literary classics like *Dracula* by Bram Stoker and *Frankenstein* by Mary Shelley. The genre evokes feelings of fear, anxiety, discomfort, and horror, focusing on characters confronting the supernatural—real or imagined—often set in specific environments like castles or monasteries. It laid the foundation for modern horror and terror literature. In contemporary literature, one of the foremost authors of horror is Stephen King, whose works often explore the supernatural and the inexplicable. However, in *The Body*, a novella published in the collection *Different Seasons*, King departs from supernatural elements to focus on the everyday lives of four children who embark on a quest to find the body of a missing child. This study seeks to answer the following question: How does traditional horror transfigures into everyday horror in Stephen King's *The Body*? To answer this, the study has the following objectives: (I) to discuss the theoretical foundations of Gothic studies, with emphasis on the concept of horror, and (II) to relate everyday horror to the experiences of the characters Gordon Lachance, Chris Chambers, Teddy Duchamp, and Vern Tessio in the novella. Using bibliographic research with a qualitative, exploratory approach, this study references scholars such as França (2016) and Botting (1996) on Gothic studies, and Cuddon (2013) and Carroll (1999) on horror genre discussions. The findings show that traditional horror is deconstructed in *The Body* through the experiences of the child protagonists: the fear of ghosts gives way to the fear of domestic violence, the fear of the dark becomes the fear of death, and so on. Stephen King creates a horror atmosphere grounded in the horrors of everyday life, which can be more terrifying than any supernatural element.

Keywords: Literature; Gothic Studies; Horror; Stephen King; *The Body*.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
SEÇÃO 1	19
1.1 DAS ORIGENS DA LITERATURA GÓTICA AO HORROR COMO GÊNERO LITERÁRIO	19
1.2 CONCEITUAÇÕES DO HORROR TRADICIONAL E QUANDO O HORROR SE TORNA PARTE DO COTIDIANO	23
SEÇÃO 2	26
2.1 A MATERIALIZAÇÃO DO HORROR COTIDIANO EM “THE BODY” DE STEPHEN KING	26
2.1.1 STEPHEN KING: O MESTRE DO TERROR	26
2.1.2 THE BODY: O HORROR NA VIDA COTIDIANA	28
2.1.3 VIOLÊNCIAS, INCERTEZAS, LUTO E MORTE: A EXPERIÊNCIA DO HORROR COTIDIANO EM “THE BODY”	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	45

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura está presente no nosso cotidiano desde antes de aprendermos a ler. Quando somos bebês e no início da infância, é comum ouvirmos histórias contadas por nossos pais, familiares e professores. Essa leitura na primeira infância, ainda que mediada por uma outra pessoa, desperta na criança a possibilidade de apropriar-se das narrativas ouvidas, beneficiando no seu desenvolvimento cognitivo e social (Berto; Rodrigues, 2023). Logo ao entrarmos no processo de alfabetização, já conseguimos fazer pequenas leituras por conta própria, começamos a definir que histórias temos mais interesse em ler e a partir disso moldar que tipo de leitor seremos ou até mesmo se nem seremos um leitor.

Paulo Freire (1989), diz que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra e que a compreensão de um texto escrito é alcançada a partir da percepção das relações entre o texto e o contexto, portanto a leitura não só transforma o indivíduo em um leitor, mas o faz ver o mundo com outras lentes, ao passo que a sua própria visão de mundo também influencie na sua forma de ler, sendo então um processo mútuo. A fim de melhor contextualizar a leitura desta monografia, apresento o surgimento do interesse na pesquisa em pontos explicativos.

Ao conhecermos que tipo de leitores seremos, a tendência é que mesmo passeando por diversos gêneros textuais, sempre optamos por aquele que mais nos fascina, que chama nossa atenção, que nos faz devorar um livro em pouquíssimo tempo. Comigo¹ não foi diferente. Desde muito pequeno, sempre gostei de ler, afinal aprendi a ler muito cedo e com cinco anos já lia pequenas histórias por conta própria. Quando criança, morei em um pequeno distrito, afastado do município principal e para poder ir à escola, precisava pegar transporte escolar que era usado por alunos de várias séries, desde os anos iniciais do ensino fundamental até o ensino médio. Devido a este fator, o transporte só voltava para nosso distrito quando a aula do ensino médio terminava e com isso eu ganhava um tempo livre de pouco mais de uma hora.

Era nesse tempo livre que eu me dirigia à biblioteca municipal da minha cidade e ficava durante esse tempo mergulhado nos livros e vivendo aquelas histórias. Lá eu descobri países, mundos, heróis gregos que tinham como objetivo de vida derrotar criaturas monstruosas, princesas que para salvar sua vida deveriam manter o sultão acordado por mil e uma noites, marinheiros que desafiavam os sete mares em busca de tesouros, e outra infinidade de histórias que me encantavam. A literatura tem o poder de nos tocar, convidando-nos a participar de um mundo de fantasia onde podemos exercer nossa

¹ Narrativa em primeira pessoa do singular em virtude do surgimento do interesse pelo problema da investigação ser de cunho pessoal.

criatividade, nos expressar, criar memórias e até mesmo nossas próprias narrativas (Santos, 2022). Esse é o primeiro ponto que fundamenta o interesse do surgimento: o meu hábito de leitura.

Quanto mais eu lia, mais eu percebia que as histórias que prendiam minha atenção eram as de mistério e terror, aquelas que tratavam de algum elemento sobrenatural ou que tratavam de alguma investigação (*seria um sinal de que futuramente eu me tornaria um pesquisador?*) e aí que vi que os gêneros de mistério e terror eram (e são até hoje) meus gêneros literários favoritos. O ponto chave em que descobri minha fascinação por esses gêneros foi ao ler um livro infanto-juvenil chamado “*Terror na Festa*”, de Janaína Amado, que fazia parte da coleção Vagalume². O livro conta a história de um grupo de amigos que estão na festa do Divino³, encontram um bilhete e a partir disso o mistério em torno de mais bilhetes que vão surgindo e do que o grupo de amigos fará vai surgindo. Minha fascinação pelo gênero, porém, não se deve apenas por meio da literatura, mas também pelo cinema, que foi como um gancho que me levou a descobrir meu autor favorito até hoje: Stephen King, autor cuja obra é a prática cultural analisada nesta pesquisa.

Para falar de como Stephen King se tornou meu autor favorito e como essa paixão por sua obra inspirou esta pesquisa, mais uma vez volto a minha infância, especificamente em 2004 quando eu tinha apenas sete anos de idade. Naquela tarde, meu irmão estava vendo um filme na Sessão da Tarde⁴ e eu parei para ver junto, o filme era *Conta Comigo (Stand by Me)*⁵ (1985) que narra a busca de um grupo de crianças por um cadáver. Lembro-me especificamente de duas cenas que me marcaram e ficaram na minha cabeça: as crianças andando no trilho do trem e a descoberta do corpo. Cresci achando esse o melhor filme que já havia assistido, anos mais tarde ao reassisti-lo, observei que era baseado na obra de Stephen King, ali já se acendeu uma pequena luz de curiosidade para conhecer o autor. Nos anos seguintes, assisti a outros filmes e séries de TV como *Carrie*, *A Estranha*, *It – Uma obra-prima do medo*, *O Nevoeiro*, *Under the Dome* e *11.22.63*, mas o que todas essas produções audiovisuais têm em comum? Todas são adaptações de obras de King.

Vendo que gostava das produções audiovisuais baseadas em suas obras, passei a dedicar-me à leitura e me aprofundar mais na obra do autor. O primeiro livro dele que li foi o

² Coleção de livros de autorias brasileiras voltadas para o público infanto-juvenil, publicada pela primeira vez em 1973 pela Editora Ática. O objetivo da editora ao lançar a coleção era o de oferecer literaturas para o público-alvo e fomentar o hábito da leitura.

³ Celebração de origem católica em homenagem ao dia de Pentecostes. É comemorada em estados como São Paulo, Goiás, Maranhão e Bahia.

⁴ Sessão diária de filmes exibida durante as tardes na Rede Globo.

⁵ Adaptação cinematográfica da obra de Stephen King. O filme foi lançado em 1985 e dirigido por Rob Reiner.

drama histórico de ficção científica *Novembro de 63* e a partir daí não parei mais, depois vieram *Salem*, *A Hora do Lobisomem*, *Joyland*, *It – A Coisa* e a novela “The Body” (em tradução para o Português, “O Corpo”) presente na coletânea *Quatro Estações*. Para contextualizar, “The Body” é a novela que foi adaptada para o cinema no filme “*Conta Comigo*”. Esta é a história que fundamenta a segunda parte do surgimento do meu interesse pela pesquisa: a paixão pelas obras de Stephen King.

Como estudante de Letras Inglês, as disciplinas que mais me despertam interesse são as disciplinas relativas a literatura como Teoria da Literatura e Crítica Literária. Nessas disciplinas, ministradas respectivamente pelos professores Dr. Ruan Nunes e Dra. Renata Cristina da Cunha, pude expandir ainda mais meus horizontes no que diz respeito a literatura, vendo que a depender da corrente literária, cada obra traz um aspecto diferente e às vezes a mesma obra pode ser lida de diversas maneiras, dependendo de qual lente teórica o pesquisador/leitor utilizará para lê-la e analisá-la.

A etapa final que me influenciou no surgimento do interesse por essa pesquisa foi minha participação como pesquisador no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sob orientação do prof. Dr. Ruan Nunes. No primeiro PIBIC trabalhamos com a obra *A Canção de Aquiles*, de Madeline Miller e durante as orientações e discussões, meu orientador sempre me instigava a ler além das palavras do livro, a investigar o que a autora dizia nas entrelinhas e a buscar outras autorias que me ajudassem a entender o universo daquela obra. Gostei tanto de participar que me candidatei para uma segunda pesquisa de PIBIC, dessa vez trabalhando com a novela “The Body”, de Stephen King, prática cultural que também é analisada nesta monografia. O propósito da pesquisa de PIBIC é analisar a novela como um *Bildungsroman* e durante as discussões de orientação, me surgiram outras problemáticas relacionadas à obra e percebi que poderia utilizá-la como trabalho de conclusão de curso, seguindo um desejo pessoal de quando entrei no curso: pesquisar e estudar alguma obra de Stephen King. Portanto, os fatos apresentados fundamentam a escolha da temática desta pesquisa: uma pesquisa da área dos estudos literários e tendo como prática cultural a obra de Stephen King.

Aqui, abro um adendo acerca desta pesquisa devido um acontecimento que definitivamente mudou o rumo que ela levaria, mudou minha visão acerca da obra analisada e mudou minha vida para sempre. A vida pode ser muito trapaceira e imprevisível e assim como os personagens da obra no qual fundamento esta pesquisa, eu também fui atingido em cheio pelo maior horror da vida cotidiana: a morte. A morte é a única certeza das nossas vidas, mas ainda assim jamais esperamos, ainda mais quando acontece de maneira tão

repentina. Desde o início do curso, eu sabia que queria ter como pesquisa de TCC algo relacionado a Stephen King e depois de muito pensar, cheguei em “The Body”, pois é uma obra que me gera muitos questionamentos e traz temáticas comuns, porém cruéis, e comigo aconteceu o velho ditado “a vida imita a arte” e a materialização do ditado aconteceu da pior forma, de uma maneira que eu jamais poderia imaginar que estaria ligado à obra para sempre.

Madrugada de 12 de Novembro de 2023, 3:35 da manhã, o momento em que um desses horrores do cotidiano bateu à minha porta. Sou acordado às pressas por minha irmã, tremendo e muito nervosa ela não espera que eu acorde completamente para me dar uma notícia: nosso irmão havia sofrido um acidente de moto. Ainda sem imaginar o que tinha acontecido, levantei e me preparei para ir para onde quer que fosse para tomar conta do meu irmão e trazer ele de volta para casa com vida. Após dar a notícia, e também sem saber o que a esperava, minha irmã dirigiu-se ao hospital da cidade onde moramos para saber o estado de saúde do nosso irmão. A madrugada foi avançando e às 4h05 da manhã, eu recebi a pior notícia que poderia receber. Ao entrar novamente em casa, minha irmã apenas falou que ele não resistira e com uma simples, rápida e cruel frase, meu mundo desmoronou naquele momento. O horror na sua forma mais cotidiana e mais dolorosa me atingiu.

Assim como em “The Body”, onde Gordon perde seu irmão, Danny, de maneira trágica, eu também perdi o meu naquela madrugada, e não conseguia acreditar. Até hoje não consigo e não sei dizer se algum dia conseguirei entender o que aconteceu naquela noite. Assim como Gordon, me apego às memórias, ao quarto dele, organizado com as suas coisas, as quais não consigo mexer. Como o próprio Gordon fala na novela: “É o tipo de coisa que se vê em filmes melodramáticos. Mas para mim não era melodramático; era horrível.” (King, 2013. p.342) Meu irmão se foi, aos 28 anos, com uma vida pela frente, sonhos a realizar, planos a se cumprir, mas tudo acabou naquela noite.

Jamais imaginei ser cobaia desta infeliz coincidência e ao tentar reler a obra, após o que aconteceu com o meu irmão, não consegui. Ao ler Gordon descrevendo o que aconteceu com o irmão dele, os sentimentos, medos e lembranças, traduziram o que eu mesmo estou passando. Consegui voltar ao trabalho de pesquisa, prometendo para mim mesmo – e para a memória do meu irmão – que iria conseguir, agora com outros olhos, com outra percepção e tendo sofrido na pele e no coração a dor lancinante que é acordar e perceber que o horror mais aterrorizante, cruel e repentino se materializou no meu cotidiano.

A literatura como forma de manifestação cultural possui a capacidade de traduzir a vida real e apresentar aspectos da realidade humana, ao invés de entender a literatura de horror apenas por seus aspectos sobrenaturais, enxerguei nestas narrativas literárias uma

maneira de ver o cotidiano e seus horrores, aqueles que muitas vezes nos atingem de maneira crua e profunda.

Este estudo está caracterizado como uma pesquisa no campo dos estudos literários, tratando-se de uma análise interpretativista, que preocupa-se com a compreensão do mundo e de suas relações a partir da perspectiva de seus participantes (Ribeiro, *et al.* 2023). Tratando-se de uma pesquisa que analisa uma obra literária, encontra-se no campo da Crítica Literária, que nos oferece uma nova forma de analisar o mundo, conforme apresenta Tyson (2006, p. 2):

[...] theory can help us learn to see ourselves and our world in valuable new ways, ways that can influence how we educate our children, both as parents and teachers; how we view television, from the nightly news to situation comedies; how we behave as voters and consumers; how we react to others with whom we do not agree on social, religious, and political issues; and how we recognize and deal with our own motives, fears, and desires. And if we believe that human productions—not just literature but also, for example, film, music, art, science, technology, and architecture—are outgrowths of human experience and therefore reflect human desire, conflict, and potential, then we can learn to interpret those productions in order to learn something important about ourselves as a species.

Com a Crítica Literária é possível analisar não somente os livros, mas outras formas de expressão e refletir sobre elas, produzindo conhecimento e trazendo à luz novos estudos e novas visões. A partir desta análise podemos atribuir características e outras interpretações acerca do texto lido.

Diante do exposto, esta pesquisa visa responder a seguinte pergunta: De que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body”, de Stephen King? A fim de responder esta pergunta de pesquisa, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: Investigar de que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body” de Stephen King e como objetivos específicos: (I) discutir os pressupostos teóricos dos estudos góticos com ênfase no conceito de horror e (II) relacionar o horror cotidiano com as experiências vividas pelos personagens Gordon Lachance, Chris Chambers, Teddy Duchamp e Vern Tessio na novela

Para alcançar os objetivos estabelecidos nesta pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, que, para Maria Cecília Minayo (2007), é a pesquisa que trabalha com uma variedade de necessidades, de crenças, razões, significados, dentre outras nomenclaturas e aborda o universo da produção humana. A pesquisa bibliográfica é aquela elaborada a partir de um material existente como livros e artigos científicos relativos à temática pesquisada, tendo sido publicados anteriormente por outras autorias (Paiva, 2019). Este tipo de pesquisa permite que o pesquisador trabalhe de uma forma mais abrangente do que se fizesse a

pesquisa direta. Por fim, esta pesquisa possui cunho exploratório, pois busca aprimorar as ideias ou a descoberta de intuições, familiarizando-se com o problema a fim de torná-lo mais explícito (Gil, 2002).

Como prática cultural deste estudo, foi escolhida a obra “The Body” de Stephen King. Stephen Edwin King, conhecido popularmente como Stephen King, um autor norte-americano nascido na cidade de Portland, estado do Maine no ano de 1947. A obra de King é majoritariamente composta por livros do gênero de terror e horror, mas com publicações também na área da ficção histórica, fantasia, suspense e ficção sobrenatural. Stephen King já vendeu mais de 400 milhões de cópias de suas obras mundialmente (Schreiner, 2022), despertando cada vez mais a curiosidade de novos leitores em descobrir suas obras.

A curiosidade pode ser a fonte por trás das respostas mais complexas da história da humanidade, é a partir dela que formulamos uma pergunta e a partir desta pergunta, partimos em busca de uma solução. Essa mesma curiosidade é a que pode levar um pesquisador a desenvolver uma pesquisa acadêmica, a fim de conhecer aquilo que ainda não se conhece (Oliveira Neto; Farias, 2021). Nesse sentido, a pesquisa acadêmica ajuda no desenvolvimento da sociedade em geral e segundo dados da Academia Brasileira de Ciências (2023), a pesquisa científica no Brasil teve uma queda de 7,4% no ano de 2022 com relação a 2021, sendo a primeira queda no índice de produção acadêmica desde o ano de 1996. Em complemento a estes dados, segundo um estudo do Instituto Pró-livro, Itaú Cultural e IBOPE Inteligência em 4 anos (2015-2019), o número de leitores no Brasil caiu em 4,6 milhões.

Diante dos dados apresentados, esta pesquisa justifica-se no âmbito social como uma forma de buscar fomentar, promover e continuar com a prática da leitura no nosso país, transformando a sociedade não somente pela produção de novos leitores, mas resgatando aqueles que perderam o hábito da leitura. Com o hábito da leitura, é possível transformar esses leitores em cidadãos críticos, que leiam além do que está exposto nas páginas do livro e que usem o livro como ferramenta de transformação da sociedade.

Em âmbito acadêmico, esperamos que esta proposta e as discussões nela apresentadas inspirem outros pesquisadores a debaterem e pesquisarem no campo dos estudos literários, a utilizar livros como objeto de análise e desenvolver pesquisas que busquem o fomento desta ferramenta tão importante. Em visita ao acervo de monografias⁶ do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Alexandre Alves Oliveira observamos que esta pesquisa é uma das muitas que integram o campo dos estudos literários, porém quando se trata da análise da obra de Stephen King é a primeira, tornando-se assim

⁶ Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1e38lfcc_mAAIMKrVTMmHLOZZVfBmfec

uma pesquisa inédita no campus no que diz respeito a este autor, ficando a possibilidade de outros estudantes a utilizarem como motivação para conhecer e até mesmo pesquisar sobre as obras de King.

Em âmbito pessoal, este estudo justifica-se de diversas maneiras: a primeira delas é pelo fato de sempre ter sido um leitor assíduo, desde criança, e desde que entrei⁷ no curso de Letras Inglês, sempre soube que queria escrever sobre livros no meu trabalho de conclusão de curso, pois a literatura é a parte que mais me encanta na grade curricular do curso e é uma das minhas paixões de vida. Espera-se que esta pesquisa contribua com futuras discussões acerca das temáticas aqui abordadas e que contribua não só como pesquisador, mas também como futuro professor, pois espero fomentar nos meus alunos o interesse pela leitura, fazê-los olhar a sociedade através de um olhar crítico e aprender que toda obra traz um contexto por trás.

Com relação a estrutura desta monografia, ela inicia-se com as considerações iniciais, no qual são apresentados o surgimento do interesse na pesquisa, a contextualização da pergunta, objetivos gerais e específicos, procedimentos metodológicos e justificativa. Em seguida, a seção 1, no qual discute os pressupostos teóricos relativos ao contexto histórico da Literatura Gótica para tratar do horror como gênero literário, bem como a diferenciação dos estudos acerca do horror tradicional e horror cotidiano, trazendo autorias como Cuddon (2013), França (2022) e Botting (2016) que tratam de definições gerais acerca dos estudos góticos e suas características. A seção 2 apresenta a discussão de análise desta monografia, apresentando os trechos da obra analisada, bem como uma breve apresentação do autor, Stephen King e da novela “The Body”. Finalizando com as considerações finais, concluindo os achados desta pesquisa.

⁷ Narrativa em primeira pessoa pois trata-se da justificativa de âmbito pessoal.

SEÇÃO 1

Esta seção destina-se à discussão teórica acerca dos termos e conceitos relativos aos estudos góticos e o horror como gênero literário. A seção de Literatura Gótica faz um recorte do contexto histórico para explicar como o gênero foi explorado e como influenciou no desenvolvimento de outros gêneros como o horror e o terror. Já a seção dedicada às discussões sobre o horror, busca fazer uma análise de como o gênero foi mudando através dos tempos e como reflete os medos e anseios de cada época.

1.1 DAS ORIGENS DA LITERATURA GÓTICA AO HORROR COMO GÊNERO LITERÁRIO

Desde cenários sombrios como florestas escuras até os confins da nossa própria mente, o horror nos traz sentimentos revelados através de experiências sobrenaturais ou de atos cotidianos. Atos como não saber o que se espera ao ver um cadáver pela primeira vez assim como Gordon Lachance em “The Body”, por exemplo. Para falar de horror como gênero literário, é necessário inicialmente apresentar uma discussão acerca dos estudos góticos e seu contexto histórico, uma vez que o horror tem sido comumente associado ao gótico. Desde a primeira vez que se documentou o gótico como gênero literário, sua definição tem se atualizado ao longo dos tempos.

No entanto, existem muitas suposições acerca das circunstâncias no qual o gênero surgiu (Ribeiro; Mendonça Júnior, 2014). Resumidamente, podemos afirmar que a ficção gótica foi extremamente popular entre os anos do final do século XVIII e início do XIX (entre 1760 e 1820) e sua influência ainda é perceptível no século XXI. Suas histórias podem ser classificadas como histórias de mistério ou de horror e forte presença de elementos sobrenaturais (Cuddon, 2013); contudo, como veremos neste trabalho, o sobrenatural pode ser deslocado da tradição do gótico e pensado a partir do cotidiano, removendo o teor metafísico da tradição e podendo materializar-se através de elementos do cotidiano como a morte, o luto e a violência.

Em termos etimológicos, a palavra “gótico” foi inicialmente relacionada com os godos, tribo germânica advinda da região da Escandinávia, que após invadirem o Império Romano inauguraram na Europa o período da Idade Média. O período foi marcado como uma época de decadência da civilização e até mesmo uma obscuração cultural (Monteiro, 1994), fazendo com que o termo fosse relacionado a costumes bárbaros como a ignorância e a

selvageria.

Ao passar dos tempos, o termo foi assumindo outras características na Língua Inglesa, estabelecendo-se como substantivo e até mesmo verbo (*to gothicize*) (De Sá, 2019). As características do gênero como extravagância e fantasia, que inicialmente não eram bem-vistas, com o passar do século XVIII foram colocadas como algo em potencial para a produção estética (Botting, 1996). A associação do termo com a literatura aconteceu após a publicação de *O Castelo de Otranto* (1764), obra de Horace Walpole que teve como subtítulo “A Gothic Story”, fazendo com que a partir disso o termo fosse relacionado a este tipo de narrativa (França, 2022). A obra de Walpole é essencial para o gênero, pois serviu como um modelo para obras futuras, tendo influenciado muitos escritores e suas vertentes como Ann Radcliffe (na transição do século XVIII para o XIX), Bram Stoker (no final do século XIX) e Stephen King (do século XX para o XXI).

No contexto social do que diz respeito ao surgimento da literatura gótica, Botting (1996) aponta que o gênero nunca se distanciou das preocupações sociais de cada período: o castelo medieval que inicialmente era o cenário dos medos e anseios das personagens deu lugar a casa antiga em tempos posteriores. Botting (1996) usa esta analogia para ilustrar que essas ansiedades variam de acordo com diversos fatores sociais como o processo de industrialização, urbanização, revoluções políticas, dentre outros aspectos. Conceição Monteiro (1994, p. 154) aborda essa característica do surgimento da literatura gótica:

A narrativa gótica é assim fortemente condicionada pelo seu contexto social. O fascínio pela transgressão e a ansiedade provocados por limitações culturais gera textos em que, de certa forma, emoções e significações se manifestam de maneira ambivalente, no que concerne ao desejo.

Enfatizando as várias formas de manifestação do nosso imaginário, como os medos e ansiedades, que são questões individuais, mas que podem ser influenciadas por fatores externos como discriminações políticas, de gênero, religiosas e que variam de acordo com cada época. Essa transmutação da experiência socio-histórica em obra de arte é uma das grandes características do romance (Vasconcelos, 2002), colocando em pauta a conexão da tradição romanesca e do gótico como gênero literário.

Em seu surgimento, a literatura gótica tem como principais características a presença de elementos de mistério e sobrenaturais. Como afirmado anteriormente, os godos foram responsáveis por introduzir um modo de construção fantástico, com características tristes ou pesadas (França, 2016), características que também estão presentes na literatura na qual os livros possuem uma atmosfera sombria e melancólica e com personagens com vidas difíceis.

Na literatura, o gótico é associado a elementos de terror como castelos, abadias,

florestas escuras e mosteiros, espaços físicos que as obras usam como elemento de construção da atmosfera de horror. Esses espaços físicos podem traduzir outros aspectos das personagens, além disso, os espaços podem ser não somente físicos, como psicológicos, de linguagem e sociais, como abordam Luís Alberto Brandão Santos e Silvana Pessôa de Oliveira (2001, p.67-68):

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de *posicionamentos* relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser *é* porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa.

O espaço não é meramente o palco onde a ação ocorre, mas pensado também como um fator que contribui para a formação da personagem. No gótico, o castelo era o espaço físico principal, mas esse espaço continua sendo desconstruído a cada período. As narrativas góticas são caracterizadas pelo uso do espaço como elemento fundamental para seu desenvolvimento e buscam causar sentimentos de angústia, apreensão, medo e até horror no leitor.

O uso do espaço ajuda não somente a criar uma atmosfera geral de suspense, mas também permite ao leitor explorar os aspectos psicológicos da obra e resolver as pistas para melhor compreender a literatura (Xie, 2023). Esse uso do espaço é uma herança da literatura gótica que reverbera até hoje e sua influência é perceptível em obras como *The Haunting of Hill House*, de Shirley Jackson, na qual os aspectos sobrenaturais se manifestam através da figura da casa, influenciando no psicológico das personagens e em algumas obras de Stephen King, como *It*, que usa a cidade de Derry como pano de fundo para a materialização do mal presente na história.

Esses elementos provocam no leitor um desconforto, gerado pela atmosfera de tristeza repleta de figuras ameaçadoras. Incidentes sobrenaturais, situações chocantes e superstições acontecem nas histórias com o objetivo de causar sentimentos de espanto ou admiração, atrelados ao medo e até mesmo a imaginação (Botting, 1996). Esses incidentes podem acontecer por meio do sobrenatural real, ou seja, algo que realmente não possui explicação lógica ou como falso sobrenatural, no qual no final da história os personagens descobrem que há uma lógica por trás do acontecido (como um episódio de *Scooby-Doo*, onde o fantasma nunca é um fantasma), não descartando a possibilidade de apresentar elementos reais, mesmo que possua majoritariamente um caráter sobrenatural (Silva; Santos, 2024).

A obra que contribuiu para essa popularização do espaço do castelo na literatura gótica foi o romance *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole. Esta obra é considerada o primeiro romance gótico da literatura inglesa e utiliza o espaço físico de um castelo como cenário de eventos que não são explicados pela razão.

O principal locus de ação na ficção gótica é o castelo. Decadente, sombrio e cheio de labirintos, ele é geralmente ligado a outros ambientes medievais, como igrejas, mosteiros, conventos e cemitérios. Esses ambientes, também em ruínas, ressoavam o passado feudal associado à barbárie, a superstições e medos. No entanto, embora tenha a sua ação situada em cenários medievais, sinalizando a separação espacial e temporal do passado e seus valores em relação àqueles do presente, a narrativa gótica nunca se separa dos problemas da sua época (Monteiro, 1994, p. 155).

A ambientação física do castelo tem ligação com o passado, mas ao mesmo tempo sinaliza a relação com os problemas vivenciados no presente, pois o gênero nunca foge dos problemas da época em que é escrito. Julio França (2008) atribui o sucesso da obra ao contexto econômico e social no qual a sociedade da época estava passando, pois era vista pelos leitores como uma leitura escapista, pois oferecia ao público burguês esse escape da realidade. Este escape materializou-se no cenário de um castelo antigo, com suas salas misteriosas, quadros onde seus personagens mudam de posição, barulhos inexplicáveis, escadas intermináveis e a presença de fantasmas que insistem em visitar o mundo dos vivos (Vidal, 1994).

A imagem do castelo, ainda significava uma ligação do gótico com a Idade Média, fato que foi ressignificado com o Iluminismo. No Iluminismo, o termo “gótico” passou por um processo de ressignificação, pois já havia sido colocado anteriormente como algo bárbaro, referente às trevas medievais, sombrio e era visto dessa maneira pois os estudiosos deste período colocavam como valorosos os ideais de clareza, progresso e questões pautadas pela razão. Conceição Monteiro (1994, p.153) aborda ainda que

“A revivificação do termo no século XVIII também expressa uma atitude do anti-Iluminismo, uma reação emocional, estética e filosófica contra a crença setecentista de que somente mediante a razão o homem poderá alcançar o verdadeiro saber.”

Essa ressignificação passou a simbolizar os valores da imaginação e a sensibilidade representados pelo gótico, pois a sua ligação com o mistério e com os aspectos emocionais fazia um contraste com o ideal iluminista da razão pura (Monteiro, 1994).

Estes elementos se tornaram partes constituintes da tradição do gótico, bem como também tornaram a obra de Walpole uma influência para outros grandes clássicos da literatura mundial como *Dracula*, de Bram Stoker, e *Frankenstein*, de Mary Shelley. São obras que possuem interconexões no que diz respeito às suas temáticas, ainda que seus autores escrevam em abordagens diferentes, as obras tratam de reflexões sobre degeneração e a essência da humanidade em seus personagens (Punter, 2013).

O gótico mesmo possuindo características semelhantes se difere de outros dois gêneros: o horror e o terror. Essas semelhanças fazem com que algumas obras sejam

classificadas em um gênero mesmo que seja do outro, mas também permite aos autores uma liberdade maior de transitar entre os gêneros com elementos de todos eles. Dentre as diversas expressões do fantástico, o horror é a única que tem sua nomenclatura derivada de uma emoção humana.

A próxima seção discutirá acerca do horror, suas definições e como se caracteriza o horror tradicional, aquele que é popularmente conhecido por trazer figuras míticas ou assombrosas como bruxas, vampiros, demônios, lobisomens, dentre outros. Além disso, a seção trata também do horror cotidiano, aqueles momentos em que aspectos comuns da vida cotidiana, se tornam horrores tão ou mais assustadores que os elementos do horror tradicional.

1.2 CONCEITUAÇÕES DO HORROR TRADICIONAL E QUANDO O HORROR SE TORNA PARTE DO COTIDIANO

Histórias de terror são contadas desde os primórdios da humanidade, antecedendo as histórias escritas e sendo passadas pela tradição oral inicialmente. Cuddon (2013) define uma história de horror como uma narrativa fictícia cujo desenvolvimento dos eventos causam choque ou susto no leitor, induzindo-o a um sentimento de repulsa. O horror bebe na mesma fonte do gótico quando se trata de causar sentimentos de medo, de angústia e como o próprio nome diz, de horror. Na literatura de horror, o leitor é levado a experimentar e imaginar aquilo que os personagens estão vivenciando, através das palavras, cenários e sensações descritos nas páginas do livro (Oliveira, 2023).

De acordo com Philip Nickel (2010), o horror possui duas características principais e que são distintas entre si no que diz respeito ao elemento que causa medo: a primeira é a presença de um mal sobrenatural ou monstruoso e a segunda é a provocação intencional de pavor, medo ou repugnância, fato herdado do gótico. Essas histórias podem trabalhar com a exploração dos limites da experiência do leitor, pois o horror causa repugnância e é visto como algo que não deveria acontecer, uma coisa impura (Campignotto; Pierini, 2022).

A literatura de horror, assim como outros gêneros, foi se adaptando às características da sociedade de cada época, incorporando elementos e problemáticas vistas como elementos causadores de medo em cada período, impactando na sua popularidade. Stephen King (2012, p.39) discute esta influência dos períodos históricos nas histórias de terror.

Os filmes e livros de terror sempre foram populares, mas a cada dez ou vinte anos eles parecem desfrutar um ciclo de maior popularidade e interesse. Estes períodos parecem quase sempre coincidir com épocas de grande tensão política e/ou econômica e os filmes e livros parecem refletir esta ansiedade à flor da pele (na ausência de termo mais apropriado) que acompanha estes sérios, mas não fatais,

deslocamentos. Eles parecem se sair pior nos períodos em que o povo americano enfrentou exemplos verdadeiros de terror em sua própria vida.

Esse aumento na produção e conseqüentemente no consumo de histórias de terror fruto de tempos de incerteza reflete-se como uma projeção das ansiedades coletivas dos indivíduos.

Na era medieval, o horror era materializado através da figura de bruxas, demônios ou elementos ligados à religião ou contrários ao catolicismo; já nos tempos contemporâneos, o horror se adapta às questões tecnológicas ou sociais para causar medo.

Observa-se com frequência que os ciclos de horror surgem em épocas de tensão social e que o gênero é um meio pelo qual as angústias de uma era podem se expressar. Não é de surpreender que o gênero do horror seja útil nesse aspecto, pois sua especialidade é o medo e a angústia. O que provavelmente acontece em certas circunstâncias históricas é que o gênero do horror é capaz de incorporar ou assimilar angústias sociais genéricas em sua iconografia de medo e aflição. (Carrol, 1999, p. 290)

Inicialmente o que chamamos de “horror tradicional” lidou com características sobrenaturais como vampiros, lobisomens, fantasmas, criaturas cuja aparição não é explicada através da razão. Com o passar do tempo, passou a incorporar outros elementos como a violência, problemáticas sociais como racismo, homofobia e feminicídio e até mesmo a morte, utilizando elementos distintos para expressar o sentimento de horror, que é expresso através da experiência do próprio sentimento e não da possibilidade (Campignotto; Pierini, 2022).

A sociedade atual é repleta de episódios violentos, todos os dias os jornais noticiam mortes, acidentes e fatalidades que são quase tão assustadoras quanto histórias de terror sobrenaturais. Estes fatos fazem parte do nosso cotidiano e acontecem com tanta frequência que acabam por se tornar comuns e até mesmo banais.

Nota-se assim uma disposição cultural de se considerar fenômenos de violência explícita (atos agressivos) como sendo, além de frequentes, “comuns”, “naturais”, “corriqueiros”, “banais”, destituindo a violência do lugar da excepcionalidade, para tornar-se uma marca do cotidiano. O que caracteriza fundamentalmente a noção de banalização da violência é a legitimação do uso da agressão (física ou simbólica) como forma de regulação/resolução de conflitos de interesses, seja entre pessoas ou grupos. Um reflexo dessa disposição pode ser observado tanto nos jornais televisivos, que mostram assassinatos e brutalidades cada vez mais “motivados” por razões consideradas, do ponto de vista jurídico e social, “fúteis”, ou seja, banais e que não mais chocam os telespectadores, como também nos discursos do cotidiano em que agressões consideradas “leves” não são caracterizadas como violências. Essa percepção denuncia uma outra face da banalização da violência.(Guimarães; Campos, 2007, p.189.)

Guimarães e Campos (2007) fazem uma crítica a essa normalização da violência, criticando-a como um fator cultural da sociedade contemporânea. Essa normalização acontece pois a violência passa a ser vista como uma solução na resolução de embates, sendo inclusive as agressões leves colocadas como comuns. Há uma deturpação dos valores sociais que

deveriam repudiar a violência, mas que fazem o contrário, a incorporam no cotidiano da população.

Porém, mesmo com essa exposição massiva a essas notícias, o ser humano não perde sua sede de sangue. Pelo contrário, em lugar de buscar alívio para a exposição em excesso a violência, muitos buscam celebrar como forma de entretenimento (Crane, 1994). Esses são horrores que fazem parte da nossa vida cotidiana e diferem do horror sobrenatural, pois não apresentam nenhuma criatura fantasmagórica ou que estejam além da imaginação, são apenas fatos do cotidiano. Carrol (1999) conceitua esse tipo de horror como horror natural e o relaciona a atos cotidianos como horror diante de um desastre natural ou horror a decisões políticas que afetam a população.

Nesse sentido, diferenciando o gótico com seu horror sobrenatural, trabalhamos aqui com o horror natural, que nos referimos como horror do cotidiano. Em outras palavras, interessamo-nos pelo horror como um desdobramento do gótico a partir do mundo real e concreto, e não do mundo metafísico e sobrenatural de outrora. Em uma definição comum, atribuída pelo Dicionário Michaelis online (2024), o cotidiano é definido como algo que acontece todos os dias, o que não é a definição que nos interessa, mas em complemento o dicionário coloca cotidiano como algo “que é comum, banal, vulgar” . Rita Felski (2000, p. 77) discute sobre o que é o cotidiano:

[...] everyday life is typically distinguished from the exceptional moment: the battle, the catastrophe, the extraordinary deed. The distinctiveness of the everyday lies in its lack of distinction and differentiation; it is the air one breathes, the taken-for-granted backdrop, the common sensical basis of all human activities.⁸

O cotidiano é a base das coisas comuns de nossas vidas, uma sequência de ações comuns e geralmente repetitivas que acabam por se tornar parte de nossas experiências humanas com momentos que rompem essa normalidade. Susan Willis (2005) comenta que é através do cotidiano que os indivíduos entram em contato com conflitos que formam a história, mas como estamos tão intrinsecamente inseridos nesses fatos cotidianos, acabamos não dando conta da sua relevância nem percebendo os fios que formam a vida. Ao não percebermos essa relevância dos fatos cotidianos, Willis sugere que perdemos a compreensão das relações sociais e culturais. É nessa linha do cotidiano como um espaço de reflexão, como sugerem Felski (2000) e Willis (2005), que pensamos a mudança do horror tradicional para o horror cotidiano.

⁸ “A vida cotidiana é tipicamente diferenciada do momento excepcional: a batalha, a catástrofe, o feito extraordinário. A distinção do cotidiano reside em sua falta de distinção e diferenciação; é o ar que se respira, o pano de fundo que se considera garantido, a base de bom senso de todas as atividades humanas.” (Tradução nossa)

Elementos como a violência e a morte são aspectos diários da nossa vida cotidiana, mas mesmo com a certeza dessa presença, são elementos que nos deixam chocados e que nos causam horror, seja pela percepção da finitude da vida, seja pela banalização da vida, ou até mesmo pela normalização do mal. O horror dramatiza o mundo comum ou o cotidiano enlouquecido, transformando o lugar-comum (Nickel, 2010). Ana Chiara (2007) aponta o cotidiano como algo rotineiro, mas que há sempre a impossibilidade de se ter um cotidiano, talvez o cotidiano contemporâneo seja essa possibilidade do terror quando menos se espera. O cotidiano pode ser uma bolha de ar, que pode se romper a qualquer momento. Chiara usa uma analogia da história contemporânea: o ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001 ao World Trade Center, nos Estados Unidos, onde ela fala que essa bolha de ar pode ser o cotidiano e que para ser desfeita basta que um homem entre em um avião carregado de explosivos

SEÇÃO 2

Esta seção é dedicada à apresentação do autor Stephen King, abordando sua vida e obra de maneira breve, a fim de contextualizar as formas como ele trabalha os elementos de horror em sua obra, pautados em grande parte, por elementos sobrenaturais. Esta seção também apresenta de maneira mais aprofundada a obra “The Body” e seus personagens, resultando, por fim, na análise dos trechos da obra.

2.1 A MATERIALIZAÇÃO DO HORROR COTIDIANO EM “THE BODY” DE STEPHEN KING

2.1.1 STEPHEN KING: O MESTRE DO TERROR

Stephen King é famoso pela sua vasta obra, pela fluidez de sua escrita, visto que publica entre uma e duas obras anualmente, e por suas histórias assustadoras. A esta produtividade ele atribui o sucesso comercial de suas primeiras obras publicadas: “My job is writing, and it's a job I like very much. The stories—Carrie, 'Salem's Lot, and The Shining—have been successful enough to allow me to write full-time, which is an agreeable thing to be able to do” (King, 1978. p.8)⁹. Tendo publicado mais de 60 obras, Stephen King é um autor premiado tanto pela sua obra como pela sua contribuição para a literatura, premiado inclusive com o importante Bram Stoker Award, um dos maiores relativos à literatura de terror.

⁹ “Meu trabalho é escrever, e é um trabalho de que gosto muito. As histórias - *Carrie*, *A Estranha*, *A Hora do Vampiro* e *O Iluminado* – fizeram sucesso suficiente para me permitir escrever em tempo integral, o que é algo agradável de se fazer.” (s/p. King, 2013) (Tradução de Adriana Lisboa)

É dele a autoria de personagens icônicos do mundo do terror, que se tornaram figuras eternas na cultura pop, criados em diversos momentos dos seus mais de 50 anos de carreira. Atualmente, é considerado o mestre do terror contemporâneo, trazendo em suas narrativas elementos do terror sobrenatural, combinados a problemáticas sociais como racismo, homofobia e violência doméstica.

Na contemporaneidade, um dos maiores e mais renomados autores do gênero de terror é o Stephen King – autor de enorme peso no mercado editorial no momento (...). King também revolucionou a literatura de terror pois em vez de só utilizar em suas obras monstros clássicos ou completamente fantasiosos, resolveu focar também em medos reais da própria atualidade (como a loucura, vírus e doenças que afetam a população inteira) assim como em medos completamente abstratos (como demônios e forças sobrenaturais). Ou seja, ele apresenta contos e livros que vão desde o terror clássico (agrupando monstros como vampiros e lobisomens) até um terror contemporâneo (abordando loucura coletiva e o fim do mundo por meio de doenças ou catástrofes) (Mariz, 2015, p. 29).

O caráter revolucionário da escrita de King na literatura de terror se dá devido essa característica, de misturar medos sobrenaturais com medos reais e possíveis de se tornarem realidade, como por exemplo uma pandemia causada por um vírus, fato que a população mundial viu acontecer no ano de 2020 com a pandemia do COVID-19 e que King havia escrito algo semelhante na obra *The Stand* (1978) (em Português, *A Dança da Morte*).

Stephen King é famoso também pelas múltiplas e bem-sucedidas adaptações de suas obras para o cinema como as 2 versões de *It* (*It – Uma Obra Prima do Medo*), (*It – Capítulos I e II*), *Carrie* (*Carrie*), (*Carrie, A estranha*), (*Carrie*) e *Stand by Me* (*Conta Comigo*), sendo esta última uma adaptação da novela analisado nesta pesquisa. Apesar de trabalhar com personagens e cenários fictícios, King sempre traz elementos autobiográficos em suas obras, sendo um dos principais a presença de protagonistas masculinos e que se tornam escritores (*It*, *Joyland*, *The Body*, *Salem's Lot*).

Em suas obras, Stephen King trata o medo sentido pelos personagens e até pelo leitor como um elemento referente aos traumas humanos, desconstruindo o horror que assusta pelo irreal e colocando-o como um reflexo dos comportamentos humanos. King (1978, p.12) coloca o medo como parte do nosso cotidiano:

Fear is the emotion that makes us blind. How many things are we afraid of? We're afraid to turn off the lights when our hands are wet. We're afraid to stick a knife into the toaster to get the stuck English muffin without unplugging it first. We're afraid of what the doctor may tell us when the physical exam is over; when the airplane suddenly takes a great unearthly lurch in midair. We're afraid that the oil may run out, that the good air will run out, the good water, the good life. When the daughter promised to be in by eleven and it's now quarter past twelve and sleet is spitting against the window like dry sand, we sit and pretend to watch Johnny Carson and look occasionally at the mute telephone and we feel the emotion that makes us blind,

the emotion that makes a stealthy ruin of the thinking process.¹⁰

King naturaliza a presença do medo no cotidiano, dizendo que ele nos deixa cegos diante de situações comuns, mas que ainda assim, geram medo como uma ida ao médico por exemplo. É esta a discussão que interessa a esta pesquisa, partindo do paralelo com o histórico de Stephen King em abordar elementos sobrenaturais em suas obras.

2.1.2 THE BODY: O HORROR NA VIDA COTIDIANA

Ao escrever e publicar a coletânea *Different Seasons*, Stephen King desconstruiu o que o público e a crítica esperavam de seu trabalho, tendo em vista o seu histórico de histórias sobrenaturais. As histórias escritas por King não são feitas de emoções a serem consumidas rapidamente, pois abordam ansiedades da vida americana tanto como nação quanto como indivíduos. Como dito anteriormente, King é classificado como mestre do terror contemporâneo, porém algumas das suas melhores histórias transcendem o gênero (Pulido, 2016). “The Body” é uma dessas obras que deram a Stephen King a fama de mestre, oferecendo discussões sobre temas comuns do cotidiano, longe de castelos, monstros e vampiros, mas que provocam um sentimento de reflexão acerca da condição humana (Pulido, 2016).

“The Body” é uma das quatro histórias presentes em *Different Seasons* e trata-se de uma novela. Analisando a partir da forma, Angélica Soares (2007, p.55) coloca a novela como

a forma narrativa intermediária, em extensão, entre o conto e o romance. Sendo mais reduzida que o romance, tem todos os elementos estruturadores deste, em número menor. Por esse sentido de economia constrói-se um enredo unilinear, faz-se predominar a ação sobre as análises e as descrições e são selecionados os momentos de crise, aqueles que impulsionam rapidamente a diegese para o final. Note-se que clímax e desfecho coincidem na novela autenticamente estruturada

Essas características apresentadas por Soares (2007) são perceptíveis em “The Body”, visto que King trabalha a narrativa de maneira objetiva, pois a história acontece a partir do momento em que Vern Tessio faz o convite para o grupo de amigos irem ver o corpo e segue

¹⁰ “O medo é a emoção que nos torna cegos. De quantas coisas temos medo? Temos medo de desligar a luz quando nossas mãos estão molhadas. Temos medo de enfiar uma faca dentro da torradeira para tirar o *muffin* inglês que ficou preso lá dentro sem desligá-la primeiro da tomada. Temos medo do que o médico pode nos dizer quando o exame tiver terminado; quando o avião de repente dá uma sacudidela em pleno voo. Temos medo de que o petróleo acabe, de que o ar puro acabe, de que a água potável, a vida saudável se acabem. Quando a filha prometeu chegar às onze e já é meia-noite e quinze e a chuva congelada fustiga a janela como areia seca, nós nos sentamos e fingimos assistir a Johnny Carson, e olhamos ocasionalmente para o telefone mudo, e sentimos a emoção que deixa em ruínas o processo do pensamento.” (King, 2013. p.13) (Tradução de Adriana Lisboa)

linearmente até o seu desfecho e clímax. O desfecho e o clímax da novela são pautados nas experiências de amadurecimento do grupo de amigos, refletindo sobre suas problemáticas familiares, ansiedades, incertezas e medos, refletidos na busca e no encontro com o corpo de Ray Brower.

Esse aspecto mostra como “The Body” se distancia da atmosfera do horror tradicional pautado em outras obras de Stephen King, aproximando-se mais do horror natural (Carroll, 1999) ou horror cotidiano, pois essa atmosfera de terror é construída a partir de elementos presentes no cotidiano de todo ser humano. Traçando um paralelo comparativo com a literatura gótica em sua fase clássica, “The Body” distingue-se, assim, da obra clássica da literatura gótica, *O Castelo de Otranto*, em que Walpole introduziu características como o insano, o terrível e até mesmo o demoníaco colocando em cena novamente elementos além da razão, de fora do cotidiano, como fantasmas e espectros (Vasconcelos, 2002)

Partindo do momento em que o grupo de amigos recebe o convite para encontrar o corpo de Ray Brower, Stephen King mergulha no universo daquelas crianças, colocando o leitor como espectador dos conflitos internos e experiências de cada uma das personagens. Santos e Oliveira (2001) abordam que é frequente referenciarmos os personagens ou narradores ficcionais com a pessoa humana, nesse caso “The Body” permite que o leitor veja muitas experiências comuns do cotidiano, transformadas em medos vividos pelas personagens.

Gordon Lachance, Chris Chambers, Teddy Duchamp e Vern Tessio são as personagens principais da novela, sendo Gordon o narrador da história, ele é aquele que passa por um processo maior de amadurecimento, sendo um personagem esférico (Forster, 2002). E.M Forster (2002) na obra *Aspects of the novel* trata dessa categorização dos personagens, classificando-os como *flat* (plano) e *round* (esféricos), sendo os personagens planos aqueles que passam por poucas ou nenhuma mudança significativa em sua narrativa, tendo características bem definidas e limitadas ao longo da história. Já os personagens esféricos são aqueles mais complexos, que apresentam emoções, conflitos internos que culminam na sua transformação na história.

A partir dessa categorização de Forster (2002) podemos classificar Gordon, Chris, Teddy como personagens esféricos, pois os quatro têm suas narrativas desenvolvidas na novela. Gordon em sua narrativa passa por processos de amadurecimento através das experiências muito antes dos amigos, como o luto e os sentimentos conflitantes devido a perda precoce do irmão. Além disso, ele consegue subverter os problemas e traumas e se tornar um escritor na vida adulta, colocando elementos de sua vida nas histórias que conta,

semelhança com o próprio autor da novela, Stephen King, que costuma colocar escritores como protagonistas de suas obras.

Chris e Teddy também podem ser colocados como personagens esféricos, pois na novela, King permite-nos aprofundar nos traumas dos dois. Chris é visto como o amigo que coloca em pauta os dilemas morais do grupo, ele vive sob o estereótipo que a sociedade colocou nele, por vir de uma família problemática, ele tenta se desvencilhar desse rótulo ao mesmo tempo em que se coloca como uma pessoa sem jeito. Teddy também pode ser colocado como um personagem esférico, pois através dos dilemas familiares, principalmente com seu pai, o qual cometeu uma grave violência com ele, busca ser independente e tomar o controle de sua vida, ao mesmo tempo que não reconhece que foi vítima do próprio pai. Vern Tessio é o único do grupo que não apresenta grandes dilemas, é um personagem que serve como alívio cômico na novela, e mesmo sendo ele a lançar o convite que dá início a história, não passa por grandes mudanças, inclusive em seu futuro. Podemos classificá-lo como um personagem plano, mas com alguns poucos elementos de personagem esférico.

Essa caracterização dos personagens esféricos traz de volta os elementos do horror, retomando a definição de Cuddon (2013) já apresentada anteriormente, onde fala que o horror causa sentimentos de medo e angústia, sentimentos vividos pelos personagens. Eles enfrentam o horror de encarar a morte e a brevidade da vida, refletida na figura do corpo de Ray Brower. Esse horror vem da consciência humana de que é impossível evitar a morte, tratando-se de um sentimento intenso e primitivo. A morte só é vivenciada como experiência de segundo grau, como o falecimento de um ente próximo (França, 2011), no caso do grupo em “The Body” não trata-se de um ente próximo, mas a morte acaba por se tornar uma experiência vivenciada por eles ao verem o corpo.

2.1.3 VIOLÊNCIAS, INCERTEZAS, LUTO E MORTE: A EXPERIÊNCIA DO HORROR COTIDIANO EM “THE BODY”

Santos e Oliveira (2001, p.46.) abordam em seu *Sujeito, Tempo e Ficcionalis* que “toda linguagem *interpreta* o real de um determinado modo” e que a arte tem a tendência de exigir do receptor, nesse caso, o leitor, uma atitude interpretativa. Partindo desse pressuposto, analisemos “The Body” a partir da seção em que está inserida na sua coletânea. “The Body” está inserida na seção de *Different Seasons* intitulada “Fall from Innocence”, que na edição em Português publicada pela editora Suma de Letras no Brasil (2013) foi traduzida como “O Outono da Inocência”.

Partindo destas titulações, analisamos o seguinte trecho: “I was twelve, nearly thirteen, when I first saw a dead person. It happened in 1960, a long time ago” (King, 1982, p.353)¹¹. O trecho apresentado acontece logo nas primeiras páginas da novela e trata-se dos momentos iniciais da narrativa onde King situa o leitor de que Gordon está narrando os fatos como uma retrospectiva, ou seja, ele narra no presente fatos que aconteceram no passado, nesse caso a primeira vez em que ele viu uma pessoa morta.

Ao falar que tinha 12, quase 13 anos de idade, quando viu um cadáver pela primeira vez, Gordie revela a inocência presente na infância do personagem, inocência esta já indicada na titulação da seção. De acordo com o dicionário online Michaelis (2024), o outono é uma estação de transição, acontecendo entre o verão e o inverno. Ainda no mesmo dicionário, a palavra é colocada como a fase da vida que se encaminha para a velhice, tendo origem da palavra o amadurecimento. Esta analogia pode ser aplicada a Gordie pois aos 12 quase 13, ele entrava na adolescência, e o fato de ter visto um cadáver pela primeira vez contribuiu para o seu amadurecimento. Por outra análise mais literal da tradução, “Fall from Innocence” pode significar a queda da inocência, ou seja, a partir do momento que Gordie se depara com um corpo morto, não tem como sua inocência voltar.

Luiz Florencio Pulido (2016, p. 70) comenta acerca deste período de transição para a adolescência e sua importância na formação do personagem:

A period of constant questioning too is adolescence, where the maturing individual is modeled through a number of experiences, an external and /or internal journey that transforms the person and provides the traveler with a tool that could change his or her society¹².

As mudanças causadas por esse período de transição podem ser tanto internas quanto externas, moldadas por experiências do cotidiano, interações sociais e eventos (como é o caso de “The Body”).

Partindo de um ponto onde os eventos aconteceram de maneira coletiva na novela, analisamos a passagem onde o grupo de crianças são confrontadas em um momento de horror. A cena se passa no início da história e já traz a referência ao título da novela. Na construção da cena, os amigos estão reunidos em um costume comum do seu cotidiano: a reunião na casa da árvore para realizar jogos e brincadeiras. Todos estão presentes, menos Vern Tessio, que logo chega e faz a pergunta para os amigos, situando o leitor no motivo para a narrativa ter

¹¹ “Eu tinha 12 anos, quase 13, quando vi pela primeira vez um ser humano morto. Foi em 1960, há muito tempo” (King, 2013.p.321) (Tradução de Andréa Costa)

¹² “Um período de questionamento constante também é a adolescência, onde o indivíduo em amadurecimento é moldado através de uma série de experiências, uma jornada externa e/ou interna que transforma a pessoa e fornece ao viajante uma ferramenta que pode mudar sua sociedade” (traduzido pelo autor)

este título: “Vern Tessio said: 'You guys want to go see a dead body?' Everybody *stopped*.” (grifo nosso) (King, 1982. p.360)¹³.

Ao narrar que todos pararam (o que estavam fazendo) ao ouvir a proposta, acontece a quebra da normalidade de um dia comum no cotidiano das crianças. É o rompimento da bolha do cotidiano deles, o ato que fez com que a rotina se desfizesse (Chiara, 2007). Percebe-se que elas ficam chocadas diante da proposta, fato ilustrado nas palavras “Everybody stopped” (Todo mundo parou), indicando uma sensação de choque ou horror gerada nas crianças por essas palavras. O horror trata-se da sensação de medo gerada não apenas no campo da percepção espiritual ou intelectual, mas que também provoca uma reação física (França, 2008), sendo o ato de parar o que estavam fazendo essa reação física. A partir desse momento, o horror entra no cotidiano destas crianças, provocado não somente pelo medo, mas pela incerteza do que iriam encontrar caso aceitassem a proposta de Vern Tessio para ver o corpo.

Cada personagem além da incerteza do que encontrariam ao se deparar com o corpo, também enfrenta seus próprios horrores pessoais, como por exemplo, a violência familiar, que aqui colocamos a partir da análise interpretativista como um dos horrores cotidianos vivenciados pelas personagens. De acordo com o Dicionário Priberam (online, 2024), violência é “o estado daquilo que é violento”, sendo definida também como “abuso da força”, levando ao termo “violência doméstica”, caracterizada pelo mesmo dicionário como a violência que ocorre no seio familiar, por pessoas com alguma relação de parentesco.

Luciana Chauí-Berlinck (2017) na apresentação da obra *Sobre a Violência* aponta a violência como tema de investigação de diversos estudiosos e trata da normalização da violência através do cotidiano, pois podemos observá-la em nós mesmos e nas nossas relações, mas por ser cotidiana a observamos porém nem sempre refletimos sobre ela. Relacionando a definição do dicionário com as palavras de Chauí-Berlink, analisemos o trecho de “The Body” em que Teddy Duchamp é afetado pela violência doméstica.

O trecho em questão acontece ainda no início da novela, durante uma partida de um jogo de cartas, onde Gordon como narrador faz uma descrição física de Teddy para o leitor e fala do óculos dele, enfatizando seu problema de visão. No entanto, esta não era a única deficiência de Teddy, que também era surdo de um ouvido, e que nas palavras de Gordon: “His eyesight was just naturally bad, but there was nothing natural about what had happened to his ears.” ¹⁴(King, 1982 p.303). Gordon fala que a surdez de Teddy não era nada natural,

¹³ “Foi então que Vern Tessio disse: ‘Vocês querem ir ver um morto?’ Todos pararam.” (King, 2013,p.328) (Tradução de Andréa Costa)

¹⁴ “Sua vista era naturalmente ruim, mas o que aconteceu com seus ouvidos não era nada natural.” (King, 2013 p. 324) (Tradução de Andréa Costa)

pois Teddy foi vítima de violência doméstica, cometida pelo próprio pai, resultando assim na surdez.

One day when he was eight, Teddy's father got pissed at him for breaking a plate. His mother was working at the shoe factory in South Paris when it happened and by the time she found out about it, it was all over. Teddy's dad took Teddy over to the big woodstove at the back of the kitchen and shoved the side of Teddy's head down against one of the cast-iron burner plates. He held it down there for about ten seconds. Then he yanked Teddy up by the hair of the head and did the other side. Then he called the Central Main General Emergency unit and told them to come get his boy. (King, 1982, p.303)¹⁵

Em um ato de violência brutal, o pai de Teddy Duchamp deixou-o surdo. No trecho, o pai de Teddy, um ser humano comum, longe de ser um mal sobrenatural, característica do horror tradicional conforme já apresentado anteriormente nas palavras de Nickel (2010), assume no trecho o papel de monstro, de representação do medo e do horror.

As consequências deste horror são marcadas na pele e no psicológico de Teddy, sendo a surdez uma consequência imediata, pois trata-se de uma marca visível e os traumas consequências de médio e longo prazo no personagem (Reichenheim, *et al.* 1999). No trecho em questão, a violência doméstica traduz-se como um horror que não precisa de forças externas ou sobrenaturais para acontecer, acontece no ambiente que deveria ser visto como abrigo e segurança para Teddy. Esse horror acaba por gerar traumas em Teddy, visto que ele busca disfarçar suas dores emocionais através de atos de valentia, colocando a própria vida em risco.

Outro aspecto da violência como elemento de horror cotidiano presente em “The Body” é o alcoolismo, problema vivido na família de Chris Chambers e que se reflete em um medo do próprio Chris.

He was the only guy in our gang who would never take a drink, even to show he had, you know, big balls. He said he wasn't going to grow up to be a fucking tosspot like his old man. And he told me once privately—this was after the DeSpain twins showed up with a six-pack they'd hawked from their old man and everybody teased Chris because he wouldn't take a beer or even a swallow—that he was *scared* to drink. He said his father never got his nose all the way out of the bottle anymore, that his older brother had been drunk out of his tits when he raped that girl, and that Eyeball was always guzzling Purple Jesuses with Ace Merrill and Charlie Hogan and Billy Tessio. What, he asked me, did I think his chances of letting go of the bottle would be once he picked it up? Maybe you think that's funny, a twelve-year-old worrying that he might be an incipient alcoholic, but it wasn't funny to Chris. Not at all. He'd thought about the possibility a lot. He'd had occasion to.

¹⁵ “Um dia, quando tinha 8 anos, o pai de Teddy ficou furioso com ele porque quebrou um prato. Sua mãe estava trabalhando na fábrica de sapatos no sul de Paris quando isso aconteceu, e quando soube já era tarde. O pai de Teddy levou-o até um enorme fogão à lenha em brasa nos fundos da cozinha e enfiou um lado do rosto de Teddy numa placa em brasa de ferro fundido. Ficou segurando por uns dez segundos. Depois levantou Teddy pelos cabelos e colocou o outro lado. Então ligou para a Emergência e disse para virem buscar o filho.” (King, 2013. p.324.) (Tradução de Andréa Costa)

(King, 1982 p.338)¹⁶

No trecho acima, o alcoolismo representa na vida de Chris Chambers um fantasma, elemento que no horror tradicional, assombra os personagens. Aqui, ao traduzir o alcoolismo como um medo, substantivo destacado por King no trecho da obra, o horror tradicional (Nickel, 2010) transmuta-se novamente em horror do cotidiano.

Mesmo em um ato rotineiro para o grupo de amigos, o de beber bebidas alcólicas, Chris não participa pois tem medo de tornar-se igual o pai, medo de cometer o mesmo crime que o irmão cometeu estando sob efeito do álcool, colocando até mesmo sua reputação social abaixo desse medo. Ao colocar no personagem esse medo de tornar-se igual ao pai, King trabalha aspectos recorrentes em suas obras: a exploração do medo contemporâneo e a exploração dos medos infantis (Mariz, 2015). Porém diferente de clássicos como *It - A Coisa* onde o medo infantil é explorado através do inexplicável, em “The Body” o medo de Chris é completamente justificável e fundamentado pela lógica.

Esse medo demonstrado por Chris Chambers faz com que ele não tenha perspectiva alguma de futuro, sendo visto assim não somente por si próprio, mas pela sociedade. Essa falta de perspectiva de vida ou esperança em um futuro pode ser encarada em “The Body” como um dos horrores da vida cotidiana dos personagens “A família possui um papel primordial no amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos” (Prata; Santos, 2007, p. 250). Esse papel da família se faz presente em “The Body”, visto as condições familiares em que Chris vivia.

Chris didn't talk much about his dad, but we all knew he hated him like poison. Chris was marked up every two weeks or so, bruises on his cheeks and neck or one eye swelled up and as colorful as a sunset, and once he came into school with a big clumsy bandage on the back of his head. [...] If Chris was being truant and Bertie (as we called him— always behind his back, of course) caught him, he would haul him back to school and see that Chris got detention for a week. But if Bertie found out that Chris was home because his father had beaten the shit out of him, Bertie just went away and didn't say boo to a cuckoo-bird. [...] The year before, Chris had been suspended from school for three days. A bunch of milk-money disappeared when it was Chris's turn to be room-monitor and collect it, and because he was a Chambers from those no-account Chamberses, he had to take a hike even though he always swore he never hawked that money. That was the time Mr. Chambers put Chris in the hospital for an overnight stay; when his dad heard Chris was suspended, he broke Chris's nose and his right wrist. Chris came from a bad family, all right, and

¹⁶ “Era o único da turma que nunca bebia, nem que fosse para mostrar que era valentão. Dizia que não queria tornar-se beerrão como seu pai quando crescesse. E uma vez me disse particularmente, isso foi depois que os gêmeos DeSpain apareceram com um pacote de seis garrafas de cerveja que roubaram do pai e todos zombaram de Chris porque ele não tomou nenhum gole, que tinha *medo* de beber. Disse que seu pai não tirava mais a boca da garrafa, que seu irmão estava bêbado como um porco quando estuprou aquela garota e que Eyeball estava sempre entornando vinho tinto com Ace Merrill, Charlie Hogan e Billy Tessio. Não era certo, me perguntou ele, que se comesse a beber não conseguiria mais parar? Talvez você ache estranho um menino de 12 anos se preocupar em ser alcoólatra, mas no caso de Chris não era estranho. De jeito nenhum. Já pensara muito na possibilidade. E já tivera a oportunidade para isso (King, p.358. 2013) (Tradução de Andréa Costa)

*everybody thought he would turn out bad . . . including Chris.*¹⁷ (grifo nosso) (King, 1982, p.315)

Assim como Teddy Duchamp, Chris também é vítima de violência doméstica praticada pelo pai, e mesmo com as marcas das agressões aparentes, a sociedade não enxerga essas agressões, como é narrado no trecho onde Gordon narra que se Chris matasse aula, levava suspensão de uma semana, mas as marcas da agressão eram ignoradas pela escola. A escola normaliza a violência (Guimarães; Campos, 2007) sofrida em casa por Chris enquanto reproduz outro tipo de violência com ele.

A violência sofrida por Chris passava despercebida pelos olhos das outras pessoas tornando-se banalizada pela sociedade (Cirqueira, 2023). Essa violência física sofrida por ele, transforma-se também em violência psicológica. Lara Cirqueira (p.35, 2023) aponta que “as formas de praticar violência psicológica são diversas: ameaças, humilhação, rejeição, comparação”, sendo esta última, fator recorrente na vida de Chris.

A influência do ambiente familiar em que Chris vivia, contribuiu para uma formação de sua identidade pré-conceituada por todos a sua volta: a sociedade (and everybody thought he would turn out bad) e até o próprio Chris (including Chris). Essa identidade é estabelecida através exatamente da comparação entre Chris e sua família. Ao ser sempre rotulado como aquele que se tornaria mau, Chris acaba por ser vítima de uma “profecia social”, influenciando em suas decisões de vida, sendo aspectos da vida comum de muitos indivíduos na vida real, refletidos através da perspectiva do horror, que por muitas vezes dramatiza o mundo comum ou cotidiano fora de controle (Nickel, 2009).

Esses estereótipos projetados em Chris, levam a uma falta de perspectiva no futuro, o medo causado pela incerteza: refletido inicialmente na imagem que as crianças criam do corpo antes de encontrá-lo e do próprio futuro, espelhado no corpo morto de Ray Brower. Essa incerteza acaba por se tornar mais uma transfiguração do horror tradicional (o cadáver) em horror cotidiano (a incerteza), seguindo a abordagem de Willis (2005) apresentada previamente que diz que o cotidiano nos coloca em contato com conflitos. A busca do grupo pelo corpo é motivada pela proximidade etária de Ray com eles: “But we had all listened to

¹⁷ “Chris não falava muito sobre o pai, mas sabíamos que o odiava. Chris aparecia marcado a cada duas semanas mais ou menos. Escoriações no rosto, no pescoço, um dos olhos inchados e roxo como o pôr do sol, e um dia chegou ao colégio com um enorme curativo na parte de trás da cabeça. [...] Se Chris estivesse matando aula e Bertie (como o chamávamos - pelas costas, claro) o pegasse, levava-o de volta para o colégio e fazia com que fosse suspenso por uma semana. Mas se Bertie descobrisse que Chris estava em casa porque seu pai o espancar, não dava um pio. [...] No ano anterior, Chris fora suspenso do colégio por duas semanas. Um bolo de dinheiro do lanche sumiu quando era sua vez de recolhê-lo, e como era um Chambers sem importância, teve que apanhar, embora sempre jurasse que não tinha pego o dinheiro. Foi quando o sr. Chambers o fez passar uma noite no hospital - quando seu pai soube que fora suspenso, quebrou seu nariz e seu pulso direito. Chris vinha de uma família ruim, está bem, e todos pensavam que fosse ser mau-caráter...inclusive ele próprio.” (King, p.336, 2013) (Tradução de Andréa Costa)

the Ray Brower story a little more closely, because he was a kid our age”¹⁸ (King, 1982, p.307). Eles prestaram mais atenção ao ouvirem a notícia no rádio do que os adultos, pois sentiam essa identificação com Ray devido a idade próxima, enquanto que para as outras pessoas foi uma notícia banal, um fato do cotidiano (Guimarães; Campos, 2007).

Essa banalização é colocada também através das palavras de Billy Tessio, irmão de Vern Tessio, que em um dos trechos do livro, escuta o irmão falando com um amigo sobre a morte de Ray Brower e como ele pode ter sido responsável por essa morte: ““It’s nuthin to us,” Billy Tessio said. ‘The kid’s dead so it’s nuthin to him, neither. Who gives a fuck if they ever find him? I don’t’” (King, 1982, p.311)¹⁹.

As incertezas sobre não saber o que irão encontrar ao achar o corpo, começam a apresentar uma dos principais medos do horror tradicional: o medo. Talvez por começarem a sentir o medo da morte e do futuro inevitável, conforme aborda King (1976, p.12): “As we become aware of our own unavoidable termination, we become aware of the fear-emotion. And I think that, as copulation tends toward self-preservation, all fear tends toward a comprehension of the final ending.”²⁰ O grupo de crianças percebe que o medo que os permeia é a percepção do próprio fim, materializado pela imagem (ou o pensamento da imagem) do corpo de Ray Brower.

Esse medo é colocado pelos personagens através de falas como: “I felt funny—both excited and scared because I knew we could do it and get away with it. The mixture of emotions made me feel heatsick and headachy” (King, 1982, p.314)²¹, onde Gordon fala do medo de saber o que iriam encontrar, mesmo sem saber diretamente, já que é colocado que foi a primeira vez em que ele viu um cadáver. Esse medo é reforçado pelo pensamento coletivo do grupo quando em outro trecho Gordon narra: “All we could think about was that kid Brower, hit by a train, and how we were going to see him, or what was left of him.” (King, 1982, p.316)²².

Na fala de Gordon, é possível analisar que a inocência antes apresentada, começa a

¹⁸ “Mas todos nós ouvimos a história sobre Ray Brower com um pouco mais de interesse, porque era um menino da nossa idade.” (King, p.328, 2013) (Tradução de Andréa Costa)

¹⁹ “A gente não tem nada com isso - disse Billy Tessio - O garoto está morto, também não faz diferença para ele. Quem é que está ligando se o encontrarem ou não? Eu não estou.” (King, 2013, p. 331) (Tradução de Andréa Costa)

²⁰ “Quando nos damos conta do nosso fim inevitável, também nos damos conta da emoção do medo. E acho que, como a cópula leva à autopreservação, todo o medo leva a uma compreensão de nosso fim derradeiro” (King, 2012, p.13) (Tradução de Louisa Ibañez)

²¹ “Sentia-me esquisito... ao mesmo tempo excitado e com medo porque sabia o que íamos encontrar. A mistura de emoções me deixou profundamente infeliz e com dor de cabeça” (King, 2013, p.335) (Tradução de Andréa Costa)

²² “Só conseguíamos pensar no tal do Brower atropelado por um trem e como o encontraríamos - ou o que havia sobrado dele.” (King, 2013, p.337) (Tradução de Andréa Costa)

tomar ares da maturidade, ao perceberem que o confronto com o corpo simboliza a imprevisibilidade da própria vida, do medo do desconhecido. O que antes era colocado como uma “aventura” e que seria divertido ir nessa busca, característica infantil de brincar sem saber o significado das coisas, agora se transforma em medo, mais um fator que aponta a chegada da maturidade nas crianças, sensibilizada pela busca pelo corpo de Ray.

“I ain’t sure I want it to be no good time,” Vern said suddenly. Chris looked at him. “You sayin you want to go back, man?” “No, huh-uh!” Vern’s face knotted in thought. “But going to see a dead kid —it shouldn’t be a party, maybe. I mean, if you can dig it. I mean . . .” He looked at us rather wildly. “I mean, I could be a little scared. If you get me.” Nobody said anything and Vern plunged on: “I mean, sometimes I get nightmares. (King, 1982, p.365)²³

“So I’m ascaresd to look at that kid cause if he’s, you know, if he’s really *bad* . . .” (King, 1982, p.365)²⁴

“But I feel like we *hafta* see him, even if there are bad dreams. You know? Like we *hafta*. But . . . but maybe it shouldn’t be no good time.” (King, 1982, p.365)²⁵

Nos trechos apresentados, Vern Tessio demonstra o medo através da certeza de essa busca pelo corpo não será divertida, ele ressaltava que ver uma criança morta não deveria ser festejado e fica com dificuldade para completar a frase e concluir que o que está sentindo é medo, não um medo sobrenatural, mas um medo possível, um medo representado pelos pesadelos que Vern tem e teme continuar tendo. Oscar Cesarotto (2008) no prefácio da obra *O horror sobrenatural em literatura* de H.P. Lovecraft aponta que para Lovecraft, assim como para Freud os sonhos eram um caminho para a Outra Cena, conceito presente nos estudos de Freud que trata acerca da interpretação dos sonhos, e os pesadelos mais ainda, ou seja, através dos pesadelos gerados a partir da visão do corpo de Ray, Vern teme ter o mesmo destino.

Sufrimento e morte são partes integrantes da vida e não há como livrar-se delas; tão certo quanto o fato de que nascemos é o fato de que iremos ficar doentes, envelhecer e morrer. O temor de enfrentar essa inevitável realidade constitui um elemento limitador da consciência daquele que é movido e subjugado pelo medo da morte. Na experiência de vida, o medo é um estado psicológico da mente que atua como uma espécie de defesa do ego diante do temor de sofrer as dores em si mesmo. Quanto mais desafiadora ou ameaçadora é a situação, maior o medo da pessoa. Essa angústia atávica, profundamente enraizada na experiência mental de cada um de nós, é provocada pela percepção de nossa insignificância diante do universo, da fugacidade

²³ “- Não tenho certeza se eu quero que seja uma diversão - disse Vern de repente. Chris olhou para ele. Você está querendo dizer que quer voltar?

Não, não. – O rosto de Vern contraiu-se com o pensamento.

Mas ir ver um garoto morto... isso não devia ser motivo de festa, talvez. Quer dizer, sacou? Quer dizer... – Olhou para nós meio confuso. – Quer dizer, eu podia ficar com um pouco com medo. Não sei se vocês estão entendendo.

Ninguém disse nada e Vern continuou:

Quer dizer, às vezes tenho pesadelos. (King, 1982, p.384-385) (Tradução de Andréa Costa).

²⁴ “Por isso que eu tenho medo de olhar o garoto, porque, sabe, se ele estiver *muito* horrível...” (King, 2013, p.385) (Tradução de Andréa Costa)

²⁵ Mas sinto que a gente *tem* que ver, mesmo tendo pesadelos. Sabe? A gente *tem*. Mas acho que não devia ser nenhuma diversão. (King, 2013, p.385)

da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. (Montañés, 2011. p.44-45)

Conforme dito por Amanda Montañés (2011), o medo vem da possibilidade (no caso da morte, certeza) de enfrentar a mesma situação. Ray Brower, que morava na mesma cidade que Gordon, Chris, Vern e Tessio, que tinha a mesma faixa etária, que tinha uma vida inteira pela frente, estava morto em algum lugar da floresta e eles sabiam disso e sabiam que poderia ser qualquer um deles, dadas as condições e circunstâncias em que viviam. Ainda assim, Vern coloca como uma obrigação para o grupo encontrar o corpo, evidenciado no grifo feito por King no termo *hafta* (em tradução livre, *temos que*). Esse enfrentamento do medo mais uma vez coloca noções de amadurecimento nas crianças, superando um medo considerado natural.

Esses medos demonstrados e vividos pelas personagens em “The Body” levam ao último tópico de análise deste estudo: a morte e o luto, elementos presentes em toda a narrativa. O medo da morte é algo natural e inerente ao ser humano, a incerteza diante da brevidade da vida e o medo de perdemos alguém amado ou próximo. Mesmo assim, faz parte do nosso cotidiano. Retomando os estudos de Felski (2000), onde ela aponta que o cotidiano é pautado pela sua falta de diferenciação, pensando no contexto da morte, todos os dias a cada minuto, morrem pessoas, é tão comum quanto o ar que respiramos, no entanto não deixa de ser lida como um horror. Mais uma vez, um horror do cotidiano.

Antes de se deparar mais uma vez com a morte, materializada pela imagem do corpo de Ray Brower, Gordon Lachance já havia conhecido e sentido as consequências dela em sua vida e na vida de sua família. o irmão de Gordon, Dennis Lachance havia morrido em um acidente de jipe.

In April my older brother, Dennis, had been killed in a Jeep accident. (...) Dennis was killed instantly (...) Dennis would have been twenty later that week. (...) I cried when I heard, and I cried more at the funeral, and I couldn't believe that Dennis was gone (...) - that a person who had touched me could be dead. It hurt me and it scared me that he could be dead (...)” (King, 1982. p.358)²⁶

Neste trecho, Gordie coloca um dos maiores horrores e medos do ser humano na narrativa: a morte. King (2012) aponta a morte como um dos grandes medos com os quais o ser humano tem que lidar, sendo extremamente pessoal a maneira com que cada um lida com a morte. Essa maneira de lidar com a morte e com seus efeitos, é mais uma maneira de amadurecer e aprender a crescer, através da aceitação da morte como parte importante da vida (Pulido, 2016).

²⁶ “Em abril, meu irmão mais velho, Dennis, morreu num acidente de jipe, (...) Dennis morreu na mesma hora, (...) Dennis faria 22 anos naquela semana. (...) Chorei quando soube e chorei mais no funeral, e não podia acreditar que Dennis não existia mais, (...) que uma pessoa que me tocara podia estar morta. (...)” (King, 2013, p.327) (Tradução de Andréa Costa)

Com a morte de um ente querido, materializa-se no cotidiano um outro medo: o luto. As maneiras de lidar (ou não lidar) com a perda, como seguir em frente sem alguém que estava presente o tempo todo e o que fazer com as lembranças (psicológicas e físicas) são dilemas da vida real, mas que são refletidos na novela através dos sentimentos de Gordon e sua família. Gordon faz reflexões sobre a morte precoce do irmão e também narra como a morte de Dennis os afeta.

He was buried in a closed coffin with the American flag on top (they took the flag off the box before they finally stuck it in the ground and folded it – the flag, not the box—into a cocked hat and gave it to my mom). My parents just fell to pieces. Four months hadn't been long enough to put them back together again; I didn't know if they'd *ever* be whole again. Mr. and Mrs. Dumpty. Denny's room was in suspended animation just one door down from my room, suspended animation or maybe in a time-warp. The Ivy League college pennants were still on the walls, and the senior pictures of the girls he had dated were still tucked into the mirror where he had stood for what seemed like hours at a stretch, combing his hair back into a ducktail like Elvis's. The stack of *Trues* and *Sports Illustrated* remained on his desk, their dates looking more and more antique as time passed. It's the kind of thing you see in sticky sentimental movies. But it wasn't sentimental to me; it was terrible. (King, 1982.p.321)²⁷

No trecho apresentado, Gordon descreve o momento do sepultamento de Dennis Lachance, enterrado com as honras da bandeira americana em cima do caixão, pois estava em treinamento militar, a serviço da nação. Gordon enfatiza a dor dos pais ao falar como eles ficaram arrasados e que o tempo não muda o que eles sentem, pois quatro meses não foram suficientes para que os pais se recuperassem, a tristeza e o luto eram o novo cotidiano deles.

Gordon ainda coloca que não sabe se algum dia os pais irão se recuperar, fato expressado na palavra *ever* grifado pelo próprio King no texto. Os pais passam por um processo de luto. Sigmund Freud (1915 [2011]) conceitua o luto como a reação de um indivíduo diante da perda de uma pessoa querida, ou até mesmo de algo simbólico que ocupe o mesmo lugar da pessoa. Nesse sentido, além da perda do filho, os pais de Dennis sofrem com a simbologia das lembranças trazidas pelo quarto do filho, no qual eles evitam mexer.

Voltando aos conceitos de Santos e Oliveira (2001), a figura do espaço físico do quarto, por sua vez, assume a função de espaço psicológico, pois reflete o cenário de uma mente conturbada. Esse espaço psicológico surge a partir de conflitos projetados sobre os

²⁷ “Ele foi enterrado num caixão fechado com a bandeira americana em cima (tiraram a bandeira de cima do caixão antes de finalmente descê-lo, dobraram-na como um chapéu de bicos e deram para minha mãe). Meus pais simplesmente ficaram arrasados. Quatro meses não foram suficientes para que eles se recuperasse; eu não sabia se *algum dia* iriam recuperar-se. Sr. e Sra. Deprimidos. O quarto de Dennis, uma porta depois da minha, ficou com sua vivacidade suspensa, ou talvez parada no tempo. As flâmulas de esportes ainda estavam na parede, as fotos das garotas que ele tinha namorado ainda pregadas no espelho, onde ficava horas penteando o cabelo para trás com o topete igual ao do Elvis. O porta-revistas com exemplares de *True* e *Sports Illustrated* permanecia em sua mesa, as datas parecendo cada vez mais antigas à medida que o tempo passava. É o tipo de coisa que se vê em filmes melodramáticos. Mas para mim não era melodramático; era horrível.” (King, 2013. p. 342) (Tradução de Andréa Costa)

comportamentos conturbados das personagens. Quando Gordon aponta na narrativa que é como se o tempo tivesse parado no quarto do irmão, representa não somente o espaço físico do quarto, mas o estado psicológico dos pais diante do luto, que torna o quarto um obstáculo no caminho deles de seguirem em frente.

Com o passar da história, a partir das palavras de Gordon, a mãe dá sinais de que está passando pelo processo de luto, enquanto o pai está estagnado, fazendo as coisas no automático.

When I got home the car was gone and I remembered that my mom and some of her hen-party friends had gone to Boston to see a concert. A great old concert-goer, my mother. And why not? Her only kid was dead and she had to do something to take her mind off it. I guess that sounds pretty bitter. And I guess if you'd been there, you'd understand why I felt that way. Dad was out back, passing a fine spray from the hose over his ruined garden. If you couldn't tell it was a lost cause from his glum face, you sure could by looking at the garden itself. The soil was a light, powdery gray. Everything in it was dead except for the corn, which had never grown so much as a single edible ear. Dad said he'd never known how to water a garden; it had to be mother nature or nobody. He'd water too long in one spot and drown the plants. In the next row, plants were dying of thirst. He could never hit a happy medium. But he didn't talk about it often. He'd lost a son in April and a garden in August. And if he didn't want to talk about either one, I guess that was his privilege. (King, 1982. p.317)²⁸

O processo de luto é vivido de maneiras diferentes pelos pais de Gordon, a mãe busca no ato de sair com as amigas, um escape emocional para o que está vivendo, que Gordon encara como amargo, pela oposição da diversão com a morte do filho. Já o pai de Gordon, ao cuidar de um jardim que já está morto, reflete que não tem perspectiva alguma de seguir em frente, sendo o jardim mais um elemento de espaço físico, que reflete o espaço psicológico das personagens (Santos e Oliveira, 2007).

Aqui, o horror tradicional transfigura-se em horror cotidiano através destes processos de luto, pois o mesmo não acontece de forma isolada ou rápida, ele se torna parte do cotidiano dos pais de Gordon. Esse horror do cotidiano traduz-se também através do espaço, pois no seu dia a dia, Gordon e os pais são assombrados pela falta do filho/irmão, pela ausência, vendo em cada objeto onde ele deixou, uma memória que agora é dolorosa, pois Dennis não está

²⁸ “Quando cheguei em casa, o carro não estava lá, e lembrei que minha mãe e algumas de suas colegas tinham ido a Boston assistir a um show. Uma grande e antiga apreciadora de shows, minha mãe. E por que não? Seu único filho estava morto, e ela tinha que fazer alguma coisa para distrair-se. Acho que isso soa muito amargo. E acho que se você estivesse lá entenderia por que me sentia dessa maneira. Papai estava do lado de fora regando o jardim arruinado com um fino jato de água da mangueira. Se você não pudesse dizer que era uma causa perdida pela sua cara mal-humorada, com certeza poderia concluir isso olhando o jardim. O solo era uma poeira clara e cinzenta. Tudo nele estava morto, com exceção do milho, que nunca produzira sequer uma espiga de milho comestível. Papai dizia que nunca soubera regar um jardim; que tinha que ser a mãe natureza ou ninguém. Ele regava muito um pedaço e ensopava as plantas. Na ala seguinte, as plantas estavam morrendo de sede. Nunca achava um meio-termo satisfatório Mas não falava sobre isso com muita frequência. Perdera um filho em abril e um jardim em agosto. E se não queria falar sobre nenhum dos dois, acho que era direito seu.” (King, 2013. p. 338) (Tradução de Andréa Costa)

mais presente. O quarto parado, empoeirado, torna-se um monstro psicológico, pois enquanto está parado impossibilita a rotina da família de seguir em paralelo com a dor do luto, que continua crescendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso cotidiano é rodeado por medos e horrores, medos inexplicáveis, medos justificáveis, medo de fantasmas, medo de ser assaltado, medo de bruxas, medo de tomar injeção, dentre outros e que mesmo que se opondo no que diz respeito às suas justificativas, ainda são medos. Através da literatura de horror, nossos medos são colocados em pauta através das palavras, onde a cada linha lida pode despertar-nos sentimentos de repulsa, medo e angústia. A fim de desenvolver uma discussão acerca da desconstrução do horror tradicional, transfigurado em horror do cotidiano, esta pesquisa tem como prática cultural a novela “The Body”, de Stephen King. Na obra, Gordon Lachance, Vern Tessio, Chris Chambers e Teddy Duchamp tem seus medos e anseios materializados não em uma figura sobrenatural, mas em algo cotidiano: a morte, apresentada através do corpo morto de Ray Brower.

Dessa maneira, almejamos responder nesta monografia a seguinte problemática: *De que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body” de Stephen King?* Para responder esta pergunta, definimos o objetivo geral: *Investigar de que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body” de Stephen King.* Com o intuito de alcançar o objetivo geral e responder a problemática proposta, foram pensados nos seguintes objetivos específicos: *(I) discutir os pressupostos teóricos dos estudos góticos com ênfase no conceito de horror e (II) relacionar o horror cotidiano com as experiências vividas pelos personagens Gordon Lachance, Chris Chambers, Teddy Duchamp e Vern Tessio na novela*

Partindo do primeiro objetivo específico que discute os pressupostos teóricos dos estudos góticos com ênfase no conceito de horror, podemos considerar que o mesmo foi atendido através da contextualização histórica do surgimento e desenvolvimento da literatura gótica, analisando também seus elementos fundamentais como a indução ao sentimento de medo e o uso dos espaços físicos para construir a atmosfera de terror. Essa contextualização nos levou a literatura de horror, que herda características da literatura gótica, mas que também tem suas próprias particularidades, pois não aborda somente elementos clássicos como vampiros, castelos e fantasmas, mas mescla esses elementos com anseios da sociedade

contemporânea, como questões de violência e psicológicas por exemplo. Aos poucos, o gênero foi se diversificando, afastando-se do sobrenatural como algo obrigatório no gênero e incorporando elementos da vida cotidiana comum.

A partir desta discussão das características do horror tradicional e do horror cotidiano, o último objetivo específico buscou relacionar o horror presente no cotidiano às experiências vivenciadas pelo grupo de amigos na novela. As cenas trazem a narração ou a descrição dos personagens sendo afetados diretamente por horrores como violência, medos, luto, inseguranças e a morte. O horror do cotidiano materializado na violência doméstica, é vivido por Teddy Duchamp, que sofre agressões graves do pai, resultando em cicatrizes físicas e traumas psicológicos que o acompanham pelo resto da vida.

Essa violência familiar que Teddy sofre, também é compartilhada por Chris Chambers, que também tem na figura do pai, um agressor. Além disso, Chris sofre com as comparações e previsões que a sociedade faz para ele, resultantes do comportamento alcoólatra de seu pai. Neste aspecto, a figura dos pais de Teddy Duchamp e Chris Chambers se traduz em um elemento do horror tradicional: o fantasma, pois eles são assustados e assombrados pela violência sofrida e as consequências diretas dela, sendo essa violência a transfiguração do horror tradicional no horror cotidiano.

Esses dois objetivos específicos, nos ajudam a alcançar o objetivo geral desta monografia, que é o de identificar de que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body”, de Stephen King. Para esse objetivo ser alcançado, foi abordada de maneira breve a obra de Stephen King, onde constatou-se que a maioria das obras dele trazem elementos sobrenaturais como elemento de horror, medos causados pela crença no irracional, no inexplicável. Traçou-se um paralelo: King trabalhando os elementos tradicionais do horror e chegando em “The Body” e trabalhando aspectos do cotidiano como elementos de despertar o horror no leitor. A partir desta contextualização da obra de Stephen King, alinhada à análise dos trechos de “The Body” é possível afirmarmos que o objetivo geral desta monografia foi alcançado.

Por fim, respondendo a problemática proposta: De que forma(s) o horror tradicional se transfigura em horror cotidiano na obra “The Body”, de Stephen King? Podemos concluir, diante das discussões apresentadas, que o horror tradicional transfigura-se em horror cotidiano através dos medos expressados por Gordon Lachance, Vern Tessio, Chris Chambers e Teddy Duchamp. No lugar do castelo, espaço físico do horror tradicional, temos Castle Rock, cidadezinha fictícia do interior dos EUA onde os personagens vivem e onde as experiências acontecem. Os monstros sobrenaturais como vampiros e lobisomens, transformam-se nos pais

dos meninos, que os assombram com seus atos de violência. Já o sentimento de angústia e tristeza, característico do horror tradicional, em “The Body” é traduzido através do sentimento de luto pela perda de um irmão/filho e por fim, o medo mais natural e aterrorizante do ser humano é colocado na narrativa o tempo inteiro: o medo da morte, algo cotidiano, natural e inevitável, mas que afeta a todos nós, incluindo Gordon, Teddy, Chris e Vern.

Por fim, o maior horror presente em “The Body” é a falta de perspectiva futura do grupo de amigos, medo pautado desde que entenderam que o corpo de Ray Brower no qual estavam indo ao encontro, tratava-se de um corpo sem vida, onde não haveria mais futuro, sonhos, nada. Apenas morte e até mesmo indiferença por parte da sociedade. Três, dentre os quatro, têm o mesmo destino inevitável que Ray: Vern, ao morrer em um incêndio, Teddy em um acidente de carro e Chris, após uma briga em um restaurante, esfaqueado. Gordon é o único que subverte a falta de um futuro, pois até o final da história, está vivo e segue escrevendo seus livros.

Como sugestão para estudos futuros, esperamos que mais obras literárias de Stephen King sejam estudadas e pesquisadas no curso de Letras Inglês, visto sua abrangência e diversidade de temas e a quantidade de obras publicadas. Estudos que busquem investigar a literatura de horror e terror, que desperta tantos leitores ao redor do mundo, pautados não somente nas discussões do horror sobrenatural, mas nos nossos medos cotidianos, que estão tão presentes na nossa rotina, que acabam por serem banalizados. Quando discutimos estes medos, violências, anseios, estamos dizendo que não são banais, que precisamos discutir e entendê-los.

No decorrer da produção e escrita desta monografia, passamos por dificuldades, o que é natural em todo processo de aprendizagem, como por exemplo, a falta de discussões sobre uma conceituação do horror do cotidiano, algo tão comum, mas pouco pesquisado. Mesmo com a facilidade do acesso a uma infinidade de arquivos na internet, foi difícil achar pesquisas sobre as transfigurações do horror tradicional em horror cotidiano. Acredito²⁹ que este estudo tem ainda muitas possibilidades de continuar, pois me inspira como futuro professor e pesquisador e como um indivíduo fanático pela obra de Stephen King.

Concluo, por fim, dizendo que os impactos desta pesquisa em mim são imensuráveis, que me marcam para a vida inteira. Como indivíduo, foi uma experiência dolorosa, larguei o livro algumas vezes por não conseguir lidar com o sentimento que as palavras me traziam, pois via em Gordie o mesmo episódio que passei em casa, a morte do meu irmão. Me identifico com a dor, com o sentimento de perda, o luto e o medo da morte, pois se Ray

²⁹ Narrativa em primeira pessoa do singular em virtude das reflexões do pesquisador serem de cunho pessoal.

Brower, Dennis Lachance e meu irmão se foram tão jovens, fica claro que a morte não escolhe idade, nem hora, seja para nós mesmos ou para aqueles que amamos. Por isso, o medo é tão natural e cotidiano, mas ainda assim, impossível de acostumar-se.

Como pesquisador, esta monografia me mostrou que é possível, que podemos conseguir alcançar aquilo que nos propomos. Por muitas vezes, achei que não fosse conseguir terminar, que era demais, mas perseverei e consegui. Essa perseverança é uma atitude que como professor, futuro graduado na Licenciatura em Letras Inglês, quero levar para a sala de aula, inspirar e ensinar meus alunos a perseverarem, a não desistir e que talvez não consigamos mudar o mundo por completo, mas se mudamos a realidade em que vivemos, ou a vida de alguém próximo, já valeu a pena. Espero continuar realizando pesquisas, estudando, entendendo a literatura como meio de ver o mundo, quem sabe ser abençoado com toda criatividade e produtividade do autor no qual mais admiro: Stephen King.

REFERÊNCIAS

- BERTO, Giselle Santos; RODRIGUES, Cátia. A leitura na primeira infância um diálogo entre a família e a escola: subtítulo do artigo. **Revista Unitalo em Pesquisa**, São Paulo, v. 13, n. 3, 2023. Disponível em: <<http://pesquisa.italo.com.br/index.php?journal=uniitalo&page=article&op=view&path%5B%5D=637&path%5B%5D=526>> Acesso em: 12 set. 2023.
- BOTTING, Fred. **Gothic**. New York: Routledge. 1996
- CAMPIGOTTO, Lucas Monteiro; PIERINI, Fábio Lucas. O gótico na literatura e no teatro. **Anais do Simpósio Internacional de Ensino de Língua, Literatura e Interculturalidade** (SIELLI) e Encontro de Letras, v. 3, 2023.
- CARROLL, Noel. **A Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração**. São Paulo: Papirus, 1999.
- CESAROTTO, Oscar. A estética do medo. In: LOVECRAFT, H.P. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2008. cap. 1, p. 9-12.
- CHAUI-BERLINCK, Luciana. Apresentação. In: CHAUI, Marilena. **Sobre a Violência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 12-20.
- CHIARA, Ana. No mês do cavalo. In: LOPES, Denilson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Finatec, 2007. cap. 1, p. 11-16.
- CIRQUEIRA, Lara Rodrigues. **Crianças e Adolescentes: a invisibilidade da violência doméstica**. Orientador: Me. Paula Ramos Nora De Santis. 2023. 46 f. Monografia (Direito) - Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023.
- COTIDIANO** (2024) In Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (online). Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Cotidiano/>> Acesso em: 31/11/2024
- CRANE, Jonathan Lake. **Terror and everyday life: Singular moments in the History of the horror film**. EUA: Sage Publications, 1994.
- CUDDON, John Anthony. **A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. London: Wiley-Blackwell, 2013.
- DE OLIVEIRA, Bella Beatriz Martins Gomes. O sinistro na literatura de horror. **Anais dos Seminários Internacionais de Estudos de Linguagens e das Semanas de Letras-FAALC/UFMS** | E-ISSN: 2675-7419, v. 4, p. 184-192, 2023.
- DE SÁ, Daniel Serravalle. Por uma cartografia do gótico: teoria, crítica, prática. In: DE SÁ, Daniel Serravalle. **O gótico em Literatura, Artes, Mídia: ensaios em Inglês e Português**. 1. ed. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019. cap. 1, p. 9-20. ISBN 978-85-67569-54-3.

Encontro da ABRALIC, Rio de Janeiro, Dialogarts, p. 1-11, 2016. Disponível em:<https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491403232.pdf> Acesso em: 23/02/24

FELSKI, Rita. 3.The invention of everyday life. In: **Doing Time**. New York University Press, 2000. p. 77-98.

FORSTER, E. M. **Aspects of the novel**. [S. l.]: Rosetta Books, 2002.

FRANÇA, Júlio. O Gótico e a presença fantasmagórica do passado. **Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC**. Rio de Janeiro: ABRALIC, Dialogarts, p. 2592-2502, 19-23 de setembro de 2016.

FRANÇA, Julio. O horror na ficção literária: Reflexão sobre o 'horrível' como uma categoria estética. In: **XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada: Tessituras, Interações, Convergências**, 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo: ABRALIC

FREIRE, Paulo; **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2011 (Trabalho original publicado em 1915).

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Silvia Pereira; CAMPOS, Pedro Humberto Farias. Norma social violenta: Um estudo de representações sociais da violência em adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(2), 188-196. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/jbsRQGdGYNr4DTbFCCvKx3L/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 02/11/2024

KING, Stephen. **Dança Macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero**. Tradução de Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KING, Stephen. **Different Seasons**. New York: Scribner, 1982.

KING, Stephen. **Night Shift**. New York: Doubleday, 1978.

KING, Stephen. **Quatro Estações**. Tradução de Andréa Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MARIZ, Flávia Najar Gonzales. **Bons sonhos ou bons pesadelos: os modos e elementos infantis na obra de Stephen King**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Produção Editorial)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/576>> Acesso em: 03/03/2024

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 2007.

MONTAÑÉS, Amanda Pérez. Essas histórias que nos assustam: reflexões sobre o medo enquanto expressão estética e suas manifestações na literatura fantástica. In: **O Insólito e a Literatura Infanto-Juvenil - Anais do IX painel reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional III Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**. 19 a 20 de Abril de 2011. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da Uerj. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/livro_pronto_simposios.pdf#page=44> Acesso em: 12/11/24

MONTEIRO, Conceição. O discurso cortês e o discurso gótico: razão iluminada e desejos obscuros. **Crop**: revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas, São Paulo, n. 1, p. 147-174, 1994.

NICKEL, P. Horror and the Idea of Everyday Life: On Skeptical Threats in Psycho and The Birds. In FAHY, Thomas (Ed.), **The Philosophy of Horror** (p14-32). Lexington: The University Press of Kentucky, 2010.

OLIVEIRA NETO, José Augusto de Jesus de; FARIAS, Carlos Aldemir. Curiosidade e imaginação na infância: a propósito do filme de animação “Scooby-Doo e o Fantasma da Bruxa”. **Revista Educação em Questão**, v. 59, n. 62, 2021.

OUTONO (2024) In Michaelis - Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (online). Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/outono/>> Acesso em: 17/09/2025

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, v. 157, 2019.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, 12(2), 247-256.

Produção científica Brasileira caiu 7,4% em 2022. Disponível em: <<https://www.abc.org.br/2023/07/25/producao-cientifica-brasileira-caiu-74-em-2022-a-maior-queda-entre-51-paises/>> Acesso em: 15/10/2023.

PULIDO, Luiz Florencio Díaz. **Teen-age identity construction in Stephen King: a gendered view**. Orientador: María Felisa López Liqueste. 2016. 286 p. Tese (Doutorado) - Departamento de Filología Inglesa y Alemana, y Traducción e Interpretación, Gasteiz, 2016. Disponível em: <https://producciocientifica.uv.es/documentos/5ecb7f692999521315202a35?lang=gl>. Acesso em: 3 nov. 2023.

PUNTER, David. **The Literature of Terror: A history of Gothic Fictions from 1765 to the Present Day**. Volume 2 – The Modern Gothic. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2013. ISBN 13: 978- 0-582-29055-6 (pbk). Disponível em: Acesso em: 10/10/2024

REICHENHEIM, Michael E.; et al. Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de proposta de ação. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 4,n.1, p. 109-121, 1999

RIBEIRO, E. S. .; MENDONÇA JÚNIOR, J. W. de . O intruso, de H.P. Lovecraft: uma análise do gótico. **COLINEARES**, Mossoró, Brasil, v. 1, n. 1, p. 108–122, 2014. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/77>. Acesso em: 12/07/2024.

RIBEIRO, Fernanda Borges Vaz *et al.* Abordagem interpretativista e método qualitativo na pesquisa documental: Descrição geral das etapas de coleta e análise de dados. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Santa Catarina, v. 17, ed. 1, p. 100-113, 2023. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18159> Acesso em: 10 out. 2024.

SANTOS, Luiz Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, Tempo e Espaços Ficcionalis**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Nayara Aparecida Rodrigues dos. **História deleite**: Ler é dar asas a imaginação. Orientador: Prof^{ra}. Dr^a. Rita de Cassia Cristofoliti. 2022. 43 f. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Ciências Humanas, São Mateus, 2022.

SCHREINER, Pâmela. **Mestre do terror, Stephen King estreia novo livro em 1º lugar na lista dos mais vendidos**. Disponível em: <https://ndmais.com.br/literatura/stephen-king-entre-os-mais-vendidos/> Acesso em: 21/08/2024

SILVA, Ana Carolina Moraes da; SANTOS, Naiara Sales Araujo. A tradição literária gótica em Humberto de Campos. **Cenas Educacionais**, v. 7, p. e17735-e17735, 2024.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 2006.

TYSON, Lois. **Critical theory today**: a user-friendly guide. 2 ed. New York: Routledge, 2006.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo, 2002.

VIDAL, Ariovaldo José. “Introdução”. In.: WALPOLE, Horace. **O Castelo de Otranto**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

VIOLÊNCIA (2024) In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/viol%C3%Aancia>> Acesso em: 19/11/2024

WILLIS, Susan. Earthquake kits: the politics of the trivial. In: WILLIS, Susan. **A primer for daily life**. Londres: Taylor & Francis, 2005. cap. 8, p. 131-148.

XIE, Zhuxin. Analysis of the Gothic Aesthetics of "The Fall of the House of Usher" from Spatial Narrative. **Lecture Notes on Language and Literature**, v. 6, n. 11, p. 38-47, 2023

